Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 15
18 de julho de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem–vindos! Eu queria tomar como mote desta aula uma carta que recebi. A aula já estava mais ou menos planejada antes da carta, que recebi agora, mas ela é muito pertinente ao assunto, então vou tomá–la como pretexto da aula. A carta é do Luiz Carneiro:

> "Caro mestre Olavo, tudo bem? A cada aula que assisto deste curso percebo que o meu entendimento sobre a minha existência vai se tornando menos opaco e me torno mais consciente de quanto é árido o caminho para a verdade sincera, já que passei muitos anos repleto de falsos conceitos e de atitudes que não levam à verdadeira filosofia. Muito obrigado! Em relação à aula do dia 11 de julho (aula 14), na qual o mestre versava sobre a verdade e a sinceridade, logo me lembrei da filosofia de Sören Kierkegaard, o qual, em um de seus textos (*Provocations* – c*ompilação de Charles E. Moore*), explicava que "a verdade não é questão de conhecer isto ou aquilo, mas sim de estar nela". Gostaria de saber se este é o sentido da verdade dado naquela aula."

Em grande parte, sim. No final da minha apostila "O problema da verdade e a verdade do problema", digo exatamente isto, que a verdade é um domínio no qual você está ou não está. Existencialmente, você está sempre; psicologicamente, cognitivamente, você às vezes está, às vezes não está. Acredito que esta aula vai esclarecer muito esta coisa.

Queria começar contando para vocês uma historinha. Na Universidade de Iowa, o pessoal fez um experimento do seguinte teor: eles colocaram quatro pilhas de cartas de baralho: duas pilhas vermelhas e duas azuis. As cobaias tinham de escolher uma carta de qualquer uma das quatro pilhas. Conforme a carta que tirassem, eles ganhavam certa quantia em dinheiro ou tinha de pagar certa quantia em dinheiro. Entretanto, as cartas não estavam uniformemente distribuídas: as cartas das pilhas vermelhas davam prêmios altos, mas davam multas mais altas ainda – você podia tirar uma carta e ganhar quinhentos dólares ou tirar outra e perder mil dólares. Ao passo que nas cartas azuis os prêmios eram pequenos, mas as multas eram menores ainda – você ganhava, por exemplo, cinqüenta dólares ou perdia dez dólares. Eles observaram que para as pessoas perceberem o que estava se passando – perceberem que havia um viés, que a distribuição não era aleatória ou casual –, eles levavam, aproximadamente, cinquenta cartas, cinquenta rodadas. Após tirar cinquenta cartas, as pessoas percebiam que era mais vantajoso tirar as cartas das duas pilhas azuis. Ao mesmo tempo, os pacientes estavam ligados a uma máquina

que media a quantidade de suor em suas mãos (o suor na mão é um índice muito claro de estresse: em situações desse tipo você sua muito mais nas mãos). Então, eles constataram que, para as pessoas perceberem o que estava acontecendo, levavam cinquenta jogadas. Após oitenta jogadas, elas já tinham a explicação inteira do que estava acontecendo (isto em média – alguns demoravam mais; outros, menos): cinquenta rodadas para perceber que as cartas das pilhas vermelhas estavam viciadas e oitenta para descrever mentalmente a regra do jogo.

Mas a maquininha que media o suor nas mãos percebia que, a partir da décima jogada, o suor começava a aumentar quando as pessoas pegavam a carta da pilha vermelha, e que a partir daí havia uma tendência a pegar menos cartas das pilhas vermelhas e mais das pilhas azuis. Isto quer dizer que os indivíduos já tinham tomado a decisão de preferir as cartas das pilhas azuis quarenta jogadas antes de perceberem que tinham tomado esta decisão.

Como nós podemos analisar isto? Os psicólogos criaram a noção do "inconsciente adaptativo" (não é o inconsciente freudiano, que é uma espécie de privada, em que só há o que não presta). O inconsciente adaptativo é um mecanismo inconsciente que permite a adaptação a certas situações antes de uma compreensão consciente e clara do que está se passando. Nota-se que no experimento de Iowa havia dois processos decisórios diferentes operando: um, inconsciente, que já decidia preferir as cartas da pilha azul antes mesmo de o sujeito tomar consciência do que estava se passando; e outro, que é o processo decisório normal, em que, por experiência e erro, o sujeito acumula indícios, monta um raciocínio completo e tira uma conclusão – o processo usual de aprendizado. Os pesquisadores chamaram o outro processo de "inconsciente adaptativo".

O fenômeno sem dúvida é real e o experimento é muito revelador e elucidativo. Contudo, a análise dos psicólogos é falha, não chega ao fundo do problema, justamente por ser um estudo psicológico – a psicologia estuda apenas o que se passa na psique. Não há um meio psicológico de estudar a relação entre o processo cognitivo e o *objeto* do processo cognitivo – o objeto não faz parte da psicologia. Os psicólogos estudam apenas a parte subjetiva da história e por isso não podem chegar até o fundo da análise. Como os psicólogos que fizeram a pesquisa e os outros que escrevem a respeito estão interessados apenas no processo psicológico, não são capazes de captar o processo inteiro, isto é, a relação que se estabelece entre a mente, o sujeito do processo cognitivo e a situação real. A situação real não faz parte da abordagem psicológica. A psicologia não tem como analisar a situação real, mas apenas as reações psicológicas. Mas nós podemos. Nada nos impede de prosseguir a análise de onde a psicologia parou.

Minha análise é a seguinte: o processo chamado "normal" ou "longo" de aprendizado – aquele que acontecia entre a quinquagésima e a octogésima jogada – é o processo normal que nós chamamos de "raciocínio por indução": juntamos vários indícios, vemos que eles se acumulam em certo sentido, então completamos este acúmulo de casos formulando uma regra hipotética que abrangeria todos os casos, não só passados, mas futuros. Em outras palavras:

se até agora foi assim, se até agora as cartas do grupo azul se mostraram mais vantajosas, é porque há uma regra geral por trás disto. Na hora em que o sujeito capta essa regra geral, ele abrange os casos já conhecidos e a probabilidade dos casos seguintes – um raciocínio normal por indução.

E qual é o processo cognitivo? Não do ponto de vista psicológico, mas do ponto de vista gnosiológico, do ponto de vista epistemológico? Qual é o processo usado na primeira apreensão, aquela que acontece após a décima jogada, em que o sujeito – por assim dizer, inconscientemente – antecipa, na prática, a regra que, conscientemente, ele perceberá depois da quinquagésima jogada, e talvez só na octogésima? **[00:10]** Qual é exatamente este processo?

Normalmente os psicólogos se contentam em dizer que é uma apreensão intuitiva, inconsciente etc., mas é claro que não é possível falar propriamente de uma intuição ou um pressentimento, porque houve ali também um raciocínio indutivo. Depois de dez cartas, você já tem certo número de casos: por dez vezes a coisa se repetiu. Quando você vê que a mão do sujeito suava mais quando ele se aproximava da pilha de cartas vermelhas do que quando ele se aproximava das pilhas de cor azul, isto que dizer que a palma da mão dele já tinha feito o raciocínio indutivo, apenas com uma casuística menor. Enquanto a operação, digamos, “consciente-refletida” requer cinquenta casos para formar uma amostragem, criar uma regra indutiva que explique, neste outro processo, mais curto e mais breve, houve também um raciocínio indutivo: a mão do sujeito, depois de dez casos, já começa a suar mais quando se aproxima da pilha vermelha e, quase instintivamente, vai preferir cada vez mais as cartas da pilha azul. Para os psicólogos, a diferença entre os processos é que um é consciente enquanto o outro é inconsciente, mas não me parece ser este o caso. É claro que, do ponto de vista da estrutura lógica, isto é um raciocínio indutivo. Houve o raciocínio indutivo, que os psicólogos dizem que é inconsciente, e, a partir da quinquagésima jogada, há um outro raciocínio indutivo, que eles dizem que é consciente.

Ser consciente ou ser inconsciente dá exatamente na mesma – não pode ser essa a diferença. Em que sentido você pode dizer que foi inconsciente a primeira decisão? ou a primeira percepção? Pode ter sido mais consciente em algumas pessoas e menos consciente em outras. Analisando filosoficamente, vemos que a diferença essencial não é de ser consciente ou inconsciente. Isso é mero acidente. A diferença essencial é que, no segundo caso (a decisão mais longa, o chamado “aprendizado normal”), o indivíduo raciocina com a recordação de tudo o que se passou – ou seja, pega a experiência percorrida, transforma-a em símbolos na sua memória (ele não está lidando com a situação que está vivendo, mas com a recordação da situação), cria signos para representar a situação e articula esses signos na forma de um raciocínio indutivo. Note bem que esses signos já não são as cartas que estão na mesa naquele momento – são as cartas que estão na memória dele. Portanto ele está raciocinando com elementos que a sua própria mente criou para representar uma experiência já transcorrida. Ele está lidando inteiramente com materiais criados pela sua própria mente, materiais que, naturalmente, têm uma referência à experiência real. No primeiro caso – a decisão que é tomada “inconscientemente” após a décima jogada –, você está fazendo igualzinho ao

raciocínio indutivo, mas com os próprios objetos com que você está lidando, e não com signos da sua mente. Então existem dois raciocínios indutivos: um feito com signos que *reproduzem mentalmente* a situação que foi vivida não mentalmente, mas realmente; e, no primeiro caso, temos o raciocínio indutivo feito não com signos mentais, mas com os próprios objetos que se oferecem à experiência.

Ora, suponha que você veja um sujeito com uma expressão feroz, avançando contra você com uma faca na mão. Você percebe que ele quer matá-lo, percebe a intenção dele a partir de suas ações atuais. Você tirou, a partir daquilo que está mostrado para você *na situação*, uma conclusão a respeito do que pode acontecer em seguida. É claro que você não teve tempo de transformar aquela figura agressiva num signo mental, numa criação mental, para recordar toda a situação, compará-la a outras situações de perigo e chegar à conclusão de que o sujeito está querendo matar você – não houve tempo para fazer isso. Neste caso você não raciocinou com signos, mas com o próprio objeto presente. Nós estamos nos referindo aqui a duas ordens de conexões lógicas: uma conexão lógica que está dada nos próprios objetos e na própria sequência dos fatos; e outra que está dada nos *seus* pensamentos, com a qual você reproduz aquilo *a posteriori*. Uma é a conexão fática; outra, a conexão mental ou lógica.

Todos nós sabemos que, quando percebemos imediatamente uma situação deste tipo, não temos certeza do que está se passando, e por isso dizemos que é um pressentimento, apenas uma vaga intuição. No outro caso, compomos o raciocínio lógico inteiro, verificamo-lo e dizemos que temos a certeza. Ora, de onde vem a certeza? O primeiro raciocínio não é em si mesmo mais incerto ou falível do que o outro. É um raciocínio indutivo igualzinho. Mas por que um raciocínio é acompanhado do sentimento de certeza, e outro, não? É simples: porque o segundo raciocínio foi inteiramente construído por você. Você domina a fórmula inteira do raciocínio. O domínio que você tem das formas mentais que você mesmo criou para reproduzir a situação lhe parece ser o domínio cognitivo real sobre a situação de fato, quando não o é. Na verdade, o primeiro raciocínio é muito mais certo, porque ele não é feito indiretamente através de signos, mas com os dados imediatos da situação.

Toda a nossa cultura atual e a educação que nós recebemos nos induzem a confiar sempre no segundo tipo de raciocínio e a duvidar do primeiro. Nós dizemos que o primeiro é apenas intuição, impressão ou pressentimento, e que o segundo é uma coisa racional, que pode ser confirmada cientificamente. Mas o segundo raciocínio só lhe parece mais certo porque você domina inteiramente o processo raciocinativo – e você o domina porque o inventou. Na verdade você está vendo ali uma conexão lógica entre conceitos, e não uma conexão fática entre coisas. A conexão lógica entre conceitos pode *representar* a conexão fática, mas ela não *é* a conexão fática. **[00:20]** Tanto é assim que os sujeitos submetidos a este experimento começavam, entre a quinquagésima e octogésima jogada, a construir teorias e hipóteses. Essas teorias às vezes divergiam: uns explicavam de um jeito, outros explicavam de outro. Mas a reação que tiveram a partir da décima jogada, e que se reflete no suor que apareceu na palma da mão, é idêntica em todos.

A confiança que temos no que chamamos de “raciocínio lógico consciente” é altamente enganosa, porque o raciocínio lógico consciente é apenas uma conexão entre conceitos que a nossa própria mente criou. No primeiro caso, você tem uma situação que *se apresenta*; e, no segundo, você tem uma série de conceitos que *a representam*. Nós não podemos dizer que a primeira apreensão foi vaga ou incerta, já que a sua estrutura é como a de um raciocínio indutivo igual a qualquer outro. Por que você tem impressão de que não a domina? Por que você tem a impressão de que aquilo é vago ou incerto? É porque não foi você que criou as formas inteiras. Aquela sequência de formas está se apresentando a você desde fora. A conexão fática entre os dados está se apresentando a você − não foi você quem a criou.

Do ponto de vista da crítica do conhecimento, o primeiro destes processos é muito mais certo e muito mais confiável do que o segundo. Mas a impressão que temos é invertida porque confundimos o domínio que temos sobre os nossos próprios pensamentos com o domínio do conhecimento de uma situação externa de fato. É o legado de quatro séculos de subjetivismo filosófico que se introduziu até mesmo no mundo das ciências, sobretudo na educação. As pessoas são educadas, treinadas para fazer raciocínios cada vez mais precisos e mais exatos, mas não são educadas para captar a conexão lógica real, ou seja, a conexão entre os fatos em si mesmos. Não existe nenhuma disciplina que ensine isto. E tudo isto é relegado ao plano da intuição, do subjetivo. Como é possível chamar de objetivo aquilo que foi a sua própria mente que criou, e de subjetivo aquilo que está dado na própria situação objetiva? É uma inversão completa.

Isto que eu estou lhes ensinando a respeito deste experimento pode ser visto aqui por nós de duas maneiras, pelo menos. Primeiro, como uma técnica: podemos estudar isto do ponto de vista de uma técnica psicológica de aprimorar a percepção das conexões de fato, em vez de ficar aprimorando inutilmente um raciocínio que um computador pode perfeitamente fazer no seu lugar e que certamente fará melhor do que você. O raciocínio é uma coisa para computadores. A percepção da realidade não pode ser feita por computadores, só pode ser feita por um sujeito humano real, vivo, com a totalidade de suas funções operando e com a consciência da sua responsabilidade de conhecer a realidade. Esta função não pode ser dada por um computador porque um computador jamais poderá ter um elemento da responsabilidade moral pelo conhecimento. Se ele tivesse, nós poderíamos processar um computador quando ele errasse – ele seria um titular de direitos e obrigações –, o que nos levaria a uma situação absolutamente fetichista.

Toda a nossa educação é concebida para aprimorar certas funções que um computador exerce melhor no nosso lugar, e a função propriamente humana de perceber a conexão fática dos elementos é totalmente desprezada. Quando as pessoas se dedicam a treiná-la, isso acontece no contexto de técnicas psicológicas: despertar a sua intuição, o seu terceiro olho, ou qualquer coisa assim. O negócio vem com toda uma aura errada, vem totalmente deslocada da situação. O treinamento filosófico – especificamente o treinamento filosófico que eu estou dando neste curso – é precisamente para aprimorar esta

percepção das conexões fáticas. A dificuldade é a seguinte: a nossa mente está tão treinada para montar raciocínios, para criá-los – é a mente construtiva que aí entra em jogo – que, se tentamos prestar atenção no processo da tomada de decisão do primeiro tipo, nós interferimos nele através do nosso raciocínio e estragamos tudo. Nós queremos tirar conclusões lógicas antes de permitir que a própria lógica dos fatos nos diga algo. Eu expliquei alguma coisa sobre isso na minha apostila “Da Contemplação Amorosa” – era exatamente disto que eu falava ali, embora não em termos tão simples.

Existe algum meio de nós fazermos com que aquele processo de tomada de decisão mais simples, mais rápido, mais imediato se torne dominante para nós? Não, não existe nenhuma técnica que permita fazer isto. Isto não pode ser treinado e não pode ser desenvolvido diretamente. Só pode acontecer como efeito indireto de toda uma formação educacional apropriada (que é o que estou tentando fazer aqui com vocês). Se tentar desenvolver a sua intuição, você irá fazer uma meleca como esse pessoal da auto–ajuda faz, vai fazer uma confusão dos diabos. A percepção espontânea e passiva da realidade dos fatos não pode ser treinada, pelo simples fato de que a substância dela não vem de você, mas dos fatos – os fatos são a parte ativa; você, apenas o receptor. O seu corpo – ou “inconsciente adaptativo”, como chamam os psicólogos – tem a passividade necessária para aceitar os fatos e percebê-los como são. O treinamento para isso, se algum houvesse, seria o treinamento de aceitar os fatos e ter diante deles uma atitude contemplativa. Mas isto não pode ser treinado diretamente porque depende da estrutura total da sua personalidade. O que nós vamos fazer aqui é o seguinte: nós vamos dar para você um tipo de formação, de educação que aos poucos o ensinará a aceitar as coisas como são e a confiar na sua percepção direta mais do que nos seus raciocínios. Os raciocínios devem ser usados apenas para verificar, para confirmar o que você já sabe, mas o *saber* efetivo não é uma coisa que é criada na sua mente através do raciocínio construtivo. O saber é percepção da realidade, é uma reação efetiva de um sujeito vivente, presente e real a uma situação vivente, presente e real. **[00:30]**

Ora, como os dados com que você fez o primeiro raciocínio não foram criados pela sua mente, mas foram fornecidos pela realidade, esses dados não têm signos: eles não vêm como signos, mas como presenças reais, e, por isso mesmo, são inexpressáveis. Você só pode expressar o que você pensou valendo-se de signos, de palavras. Isso quer dizer que a primeira percepção é “muda”: como não é feita através de signos, você não pode expressá-la, você não pode dizê-la. Ora, como não pode dizê-la, você sente que não tem domínio da situação; e como não tem domínio da situação, você se sente inseguro. Assim você cria uma representação mental que você domina inteiramente – porque ela é construção sua mesmo – e, ao fechar o raciocínio com a conclusão, acredita que dominou intelectualmente o assunto. Mas acontece que na passagem do fato aos conceitos e dos conceitos ao raciocínio pode-se introduzir uma multidão de erros. Não são apenas erros de lógica, mas até erros de denominação, de classificação, de categoria, de descrição – porque você tem de descrever primeiramente para si mesmo os dados da situação, dar-lhes nomes, conceitualizá-los e daí criar uma estrutura de raciocínio ativa que lhe permita chegar a uma conclusão. A possibilidade de erro aí é imensa. E

no primeiro caso? Não há possibilidade de erro algum porque os fatos já vêm com a sua conexão auto-evidente e auto-exibida, por assim dizer. Isto quer dizer que quanto mais você puder se ater à primeira forma de raciocínio – ainda que a custa de não poder expressá-la, de não poder dizê-la para ninguém e de não poder reproduzi-la –, mais firmemente ancorado você estará no terreno da verdade e mais livre você estará dos erros do pensamento. Aquele ditado “De pensar morreu um burro” é verdadeiro. Os erros todos não vêm da percepção: vêm do pensamento. A percepção também pode errar, mas a possibilidade de erro ali é muito menor. Se houvesse a quantidade de erros de percepção como há erros de pensamento, o trânsito dos automóveis na rua, por exemplo, seria impossível, porque eles bateriam uns nos outros a todo o momento. Quando você vê a infinidade de decisões que um motorista toma no trânsito – todas decisões certas!, com uma precisão incrível, e que esse motorista jamais seria capaz de expressar, de dizer, nem mesmo de descrever – e você compara isso com as tolices que as pessoas falam nas discussões, torna-se claro que a primeira função cognitiva é muito mais eficiente e confiável do que a segunda.

Na esfera da percepção nós somos capazes de fazer raciocínios indutivos de uma precisão incrível, com uma grande velocidade e uma margem de erro mínima, ao passo que na esfera da representação e do raciocínio construtivo nós cometemos erros uns após os outros. Não é *você* que comete erros, os grandes filósofos todos cometeram erros. Por quê? Porque na esfera do raciocínio construtivo tudo é criado pela sua mente. A relação que aquilo tem com a realidade é indireta, meramente simbólica e frequentemente convencional – assim, a margem de erro é maior. Quando nós confiamos no segundo tipo de raciocínio porque dele podemos dar provas, repeti-lo, expressá-lo e fazer com outras pessoas façam raciocínios idênticos e confirmá-los, nós estamos nos enganando a nós próprios. Isso acontece porque você montou aquele raciocínio, expressou-o em palavras e o explicou para outras pessoas, de modo que elas pudessem explicar o mesmo raciocínio de novo e chegar à mesma conclusão. Desse modo, é claro que milhares ou milhões de pessoas podem conferir e dizer para você: “É isto mesmo! Você tem razão”. No entanto, o que elas conferiram na verdade? Apenas a lógica interna de um raciocínio. A conexão desse raciocínio com os fatos pode ser verificada através de experimentos, os quais, contudo, jamais vão reproduzir a situação inteira – serão apenas experimentos que coincidem, esquematicamente, com a situação em apenas um ou dois pontos. Ou seja, mesmo a verificação experimental do raciocínio lhe dará uma certeza muito precária. E – curioso – nós estamos em uma civilização que há quatro séculos só confia nisto.

Se, por exemplo, você viu um sujeito dar uma facada no outro e só havia você ali presente. Você viu, mas não foi pura percepção: você percebeu toda a conexão causal entre o ato assassino, a facada e o efeito mortal que aquilo teve sobre a vítima. Então há um raciocínio ali, que, no entanto, não foi feito nem com imagens na sua mente, nem com signos, nem com palavras: foi feito diretamente com os fatos que você estava percebendo; ou seja, era a lógica interna dos fatos que estava se mostrando para você. Suponha que as pessoas ponham em dúvida o seu testemunho e queiram provas. Elas vão construir milhões de conexões lógicas possíveis e inventar experimentos que devem

coincidir com aquela situação em um ou outro ponto esquemático. Por exemplo, o sangue que estava na faca era do mesmo tipo do sangue da vítima. Você percebe que isto é apenas um elemento da situação inteira – se você pegar elemento por elemento, jamais vai reconstruir a situação inteira, serão sempre pedaços que por sua vez terão de ser conectados mediante outras construções lógicas. Por que confiamos nisso? Confiamos nisso, em primeiro lugar, porque fomos nós que inventamos isso e acreditamos que o domínio do pensamento é o domínio sobre a realidade. Segundo, porque aquilo pode ser reproduzido por outras pessoas, que confirmarão o que nós estamos dizendo. Isso quer dizer que preferimos um milhão de confirmações indiretas e parciais a uma exibição completa e direta do fato – ou seja, estamos completamente loucos. Isso é o que nos últimos quatro séculos se chama de ciência, todo o edifício da nossa ciência é baseado nisso. Primeiro: a confiabilidade maior da construção indireta em relação à percepção direta. Segundo: a confiabilidade do testemunho coletivo daqueles que fazem o mesmo raciocínio que você e o confirmam – e que conseguem, no máximo, confirmar experimentalmente um ou outro ponto de coincidência entre o seu raciocínio e o fato. Isso é assim porque toda esta atividade científica é uma atividade *social* onde o que se busca é a confiabilidade coletiva de certas coisas. Agora, se nós não estamos buscando confiabilidade coletiva nem estamos fazendo questão de que todo mundo acredite em nós, mas estamos interessados em buscar o conhecimento para nós mesmos, então é claro que é a primeira modalidade de conhecimentos que deve nos interessar. Ela pode dar a certeza total e absoluta, mas dificilmente você vai poder transpor essa certeza de tal modo que ela se torne confiável para outras pessoas.

Todo o esforço da filosofia, pelo menos na Grécia, foi o de habilitar as pessoas a perceber a realidade. Aristóteles, que codificou a lógica pela primeira vez, sabia perfeitamente que, de tudo o que fora **[00:40]** percebido na esfera dos fatos, só uma parte mínima era transposta na demonstração lógica. E também sabia perfeitamente a diferença entre a conexão lógica entre conceitos e a conexão fática entre entes e dados da realidade.

Note bem que a percepção que o sujeito teve depois da décima jogada – a percepção que ele não montou na própria mente, mas que percebeu diretamente dos dados – seria impossível se esses dados não tivessem em si mesmos uma estrutura inteligível. A teoria do Aristóteles que diz que as coisas têm uma forma inteligível é inteiramente certa. Quando criamos um conceito, estamos tentando traduzir em palavras algo do que percebemos da forma inteligível dos objetos. O conceito, contudo, continua sendo apenas um conceito: uma criação da nossa mente. O conceito não é uma apresentação nem uma reprodução do objeto: o conceito o representa. “Representa” quer dizer: o objeto está ausente agora. Ora, os conceitos são evidentemente inteligíveis, pois fomos nós que os criamos – eles são, por assim dizer, translúcidos. Mas uma certeza obtida a partir de um raciocínio que você montou com esses conceitos continua sendo apenas uma certeza lógica, ou seja, a certeza da conexão entre conceitos. A ligação entre esses conceitos e a realidade continua problemática, tanto que é preciso a ciência experimental – mas para fazer o quê? Para ver se a ordem lógica que você colocou nos conceitos toca a ordem dos fatos em alguns pontos seletos. Porém, no caso da

primeira apreensão, foi a própria forma inteligível dos objetos que se revelou a você na sua plenitude e se apresentou de modo imediato. Como não foi você quem criou isso aí, você não pode reproduzir aquilo integralmente. Você está percebendo a lógica interna entre entes e suas respectivas formas inteligíveis, mas quem criou isso foi Deus, isso veio de fora, não foi você quem criou. Este é o domínio da verdade: a verdade é a conexão das formas inteligíveis dos seres em si mesmos. O resto é só pensamento. O pensamento pode tocar a verdade em certos pontos, mas ele não pode ser a verdade.

Quando você estuda para ser um cientista ou um filósofo, o que você está fazendo? Você está desenvolvendo conhecimento? De maneira alguma. Você está desenvolvendo uma linguagem que lhe permite falar com outras pessoas do seu grêmio e obter delas a confirmação do que você está dizendo. E o objeto, o assunto? As coisas mesmas? Estão completamente ausentes disso aí. Quando você, por exemplo, recebe o diploma de mineralogia, não tem nenhuma pedra ali presente. Só tem o grêmio dos mineralogistas, o reitor da universidade etc. Você está se movendo não no ambiente da relação dos objetos da sua ciência, mas no terreno das relações humanas – no terreno, portanto, da subjetividade coletiva, no terreno intersubjetivo e não no objetivo. A relação objetiva com a realidade é pessoal, intransferível e muda. O conhecimento existe é na hora que o mineralogista pega a pedra, olha-a, e ela revela para ele a sua estrutura, portanto a sua composição e, assim, algo da sua origem, da sua história. Depois disso só o que existe é a transfiguração disso em símbolos e a comunicação humana – e a perda que há nesse trajeto é imensa.

Muitos anos atrás tive de colocar esse problema para mim mesmo (vocês também vão ter de fazer esta opção): eu quero o conhecimento ou a comunicação? Eu quero saber o que as coisas são mesmo, ou eu quero ter um discurso que seja aprovado pela coletividade dos que acham que sabem? Então percebi uma coisa muito importante: você saber algo é saber algo que os outros não sabem. Se você só sabe o que os outros sabem também, vocês estão se movendo dentro da esfera de um recorte comum que vocês fizeram da realidade. Mas quando você está em face da própria realidade – que não foi você quem criou, que não é você quem domina e dentro da qual você está (você está ao mesmo tempo diante e dentro dela) –, é ali que se dá o momento do conhecimento: no momento da percepção da realidade. A transformação disso em linguagem humana é um processo altamente complexo e falível. Foi isso então o que tive de decidir: vou perceber um monte de coisas com uma evidência incrível e não vou poder dizer para ninguém, porque não vou conseguir provar nada do que estou falando. Bom, você tem de escolher. Você pode provar uma parte mínima. Mas a testemunha de um crime não tem de provar nada, porque ela é a prova.

Esse conhecimento do testemunho direto é o que constitui a substância da filosofia. Por isso um livro de filosofia jamais diz tudo o que tem de dizer. Por isso sugeri a vocês o exercício da leitura lenta, de complementar imaginariamente o texto até que os fatos mesmos da experiência de onde o filósofo arrancou a própria experiência apareçam para você. Com o tempo você pode desenvolver uma habilidade muito grande de retornar dos textos à

experiência. Isso certamente ajudará você a fazer o processo contrário, que é ir da sua experiência real até uma expressão culturalmente eficiente. Mas expressar uma coisa de maneira culturalmente eficiente não quer dizer que você vai poder prová-la. Mas você quer o conhecimento ou a prova? A prova é uma coisa que você oferece para os outros. A testemunha de um crime precisa de prova? Não. Ela tem o conhecimento direto.

Anos atrás escrevi uma apostila chamada “Inteligência, verdade e certeza”, na qual eu lembrava os componentes da idéia pura de ciência tal como descritos por Edmund Husserl em seu livro *Filosofia Primeira.* Ele dizia que a primeira condição é a existência da evidência, que é a percepção direta de alguma coisa. Por exemplo: eu percebo que estou falando a vocês neste momento; eu percebo que estou aqui. Se não existisse a evidência, todos os pensamentos seriam duvidosos. Mas a evidência só vale, evidentemente, para quem a tem. A testemunha do crime testemunhou o crime e não precisa de prova nenhuma: é ela que pode ser usada como um dos elementos de prova. Mas quem não esteve lá, não viu nada e não tem conhecimento da situação? Do que necessita? De uma evidência indireta, **[00:50]** ou prova. A prova então consistirá de uma série de afirmações que têm uma conexão lógica com os dados apresentados pelas testemunhas e pela própria situação. Esta conexão, por sua vez – a conexão lógica que você faz, por exemplo, entre duas premissas e uma conclusão, o famoso “Todos os homens são mortais, Sócrates é homem, portanto Sócrates é mortal” –, é uma conexão de tipo lógica ou do tipo evidente? Se fosse uma conexão apenas de tipo lógico – portanto indireta –, precisaria de outra prova e outra prova e outra prova, indefinidamente. Isto quer dizer que a estrutura da prova lógica depende, por sua vez, da evidência. E “evidência” então é o objeto do conhecimento intuitivo direto. Isso significa que a evidência é tudo, porque ela dá o fato e também a conexão entre os vários passos lógicos do raciocínio. Isso é o mesmo que dizer: a lógica nada prova – nada, absolutamente nada. A lógica só cria conexões entre afirmações, mas essas conexões só podem ser percebidas intuitivamente. Concluo: não existe conhecimento racional, só existe conhecimento intuitivo. Todo o racional é baseado no intuitivo. Estou chamando de “intuitivo” aquele tipo de raciocínio que você faz com os elementos da própria situação, e não com signos, com elementos criados pela sua mente. É o que eu chamo “intuicionismo radical”: não existe conhecimento lógico, não existe conhecimento racional, só existe conhecimento intuitivo. O racional não passa de uma conexão intuitiva entre elementos que já não são dados pelos fatos, mas dados mentalmente pelos conceitos que você criou. A conexão entre dois conceitos só pode ser percebida intuitivamente, não logicamente. Por exemplo: como percebo que um animal pertence a uma determinada espécie? Eu tenho um esquema, uma definição geral da espécie, e vejo que aquele indivíduo em particular se encaixa nessa espécie. Como posso perceber isso racionalmente? Não posso! Só posso perceber isso intuitivamente. Isso quer dizer que o primeiro tipo de conhecimento – aquele que aparece no suor da palma da sua mão – é o único conhecimento que existe! O outro é apenas um esforço para você conquistar uma confiança subjetiva naquilo que você já conhece, é apenas um esforço de autopersuasão, é pura retórica. A substância do conhecimento é uma coisa de percepção individual, direta, dificilmente transmissível. Aquilo que é transmissível, que é objeto de prova, não é conhecimento: é um conjunto de

esquemas mentais que se refere muito indiretamente ao conhecimento. Por isso que, hoje em dia, quanto mais as pessoas estudam, mais burras elas ficam.

Li a esse respeito o seguinte: uma vez chegou um sujeito a um museu, oferecendo uma estátua que ele tinha desenterrado na Grécia. Os camaradas mandaram testar a pedra da estátua. Os químicos disseram: “Não, de fato esta pedra foi trabalhada muito antigamente, porque a superfície dela sofreu certas alterações que levam milênios para acontecer. Esta estátua é genuína”. Já estavam comprando a estátua, e um funcionário do museu falou: “Tem alguma coisa errada nesta estátua. Eu não sei o quê está errado, mas está errado. Não comprem. Se vocês já pagaram, peçam o dinheiro de volta. Se não pagaram, não paguem.” Não tinham pago e, como o sujeito era um velho *expert,* eles decidiram esperar para ver o que acontecia. Ele sabia que tinha alguma inarmonia naquela coisa. Ele não sabia qual, não sabia dizer qual. Ele estava percebendo mas não tinha um nome. Ou seja, ele não tinha o símbolo mental para dizer o que estava percebendo, mas estava percebendo corretamente.

Depois de algum tempo, ele conseguiu dizer o seguinte: “Esta estátua não tem um estilo: ela mistura vários estilos, de várias épocas diferentes. Assim, ela não pode ser genuína. As pessoas não podiam ter misturado vários estilos gregos na antiga Grécia, só poderiam fazer isso hoje”. A percepção desses estilos é também do primeiro tipo – vamos chamar esse tipo de “intuitivo”, no sentido em que eu estou usando a palavra “intuitivo”. Ela só pode ser intuitiva. Para o sujeito do museu mostrar isso para os outros, precisaria que cada pessoa tivesse absorvido a história de cada um desses estilos longamente – não no papel, mas nos olhos –, tivesse visto várias estátuas daqueles estilos, aprendido a olhar as formas daquele estilo e depois olhar aquela estátua e ver que aqueles estilos estavam todos presentes ali ao mesmo tempo. Provar isso é quase impossível. O sujeito, no entanto, estava se movendo no terreno da certeza mais exata, mais inconfundível que podia haver. Ele estava se movendo no terreno do quê? Dos dados reais.

Aos poucos começaram a aparecer outras provas. Por exemplo, descobriu-se que o atestado de compra da estátua era falso. Depois apareceram milhões de coisas que no fim comprovaram que a coisa era *fake* realmente.

O que aconteceria se a diretoria do museu, em vez de acreditar no velho *expert,* que só tinha a autoridade dos seus olhos, decidisse confiar na ciência química? Teria comprado a estátua *fake* por milhões de dólares. Depois ia dar um inquérito, os caras perderiam o emprego, seria uma desgraça. Felizmente no mercado de arte ainda existe isto: a autoridade do *connoisseur*. É o sujeito que não pode provar o que está dizendo, porque está tudo na memória dele, na percepção dele. Ele não pode dar uma prova cientificamente válida. Mas isso não quer dizer que o conhecimento dele seja menos preciso que o conhecimento científico: é muito mais preciso. Ele apenas não é facilmente transmissível. Então, por assim dizer, “vale para ele”. Ora, o que tem a ver a validade intrínseca de um conhecimento com a autoridade social da sua transmissão? Hoje somos ensinados a confundir uma coisa com a outra. Achamos que aquilo que pode ser provado e verificado por várias pessoas –

provas repetidas por várias pessoas – é mais confiável do que aquilo que você está vendo com seus próprios olhos. E chegamos ao **[1:00]** absurdo de pensar que a ciência pode corrigir as nossas percepções. É claro que isto é uma alienação total, é totalmente irracional.

Anos atrás, coloquei este problema: eu quero um conhecimento auto-evidente, firme, efetivo, ou quero um conhecimento que seja fácil, que seja moeda corrente? Esta última é facilmente aceita por todo mundo. Mas ela é facilmente aceita justamente porque não traz em si o conteúdo de realidade que o conhecimento direto traz. Então, de certa forma, o critério de conhecimento que é aceito na nossa sociedade é totalmente invertido: nós damos confiança máxima ao que tem confiabilidade mínima, e confiança mínima ao que tem confiabilidade máxima. Isto por que nós estamos confundindo as condições de certeza do conhecimento em si com as condições da sua transmissão mais fácil.

Repito: essa capacidade de percebermos as relações fáticas, diretas, não precisa ser inconsciente. Os pesquisadores que fizeram o experimento na Universidade de Iowa analisaram a coisa por esse lado, falaram em “percepção inconsciente”. Mas se esse processo fosse consciente, alguma coisa se alteraria? Claro que não. Então a diferença, nesse caso, não é de ser consciente ou não; a diferença é que num caso há raciocínio feito com os próprios dados da realidade, e no outro há raciocínio com signos. Por assim dizer, num caso o raciocínio está na própria estrutura do acontecer, e no outro caso o raciocínio está apenas no cérebro. Por que o segundo seria mais confiável? Isso não faz sentido. Ele não é mais confiável. É mais fácil de reproduzir, apenas, e, portanto, mais fácil de ser transformado em moeda corrente, de ser confirmado por um monte de gente. Mas ele jamais terá o coeficiente de certeza dado pela observação direta.

Ao longo da nossa tradição de quatro séculos, a observação direta serviu apenas como matéria-prima para montar um raciocínio, como se ela mesma não fosse um raciocínio, como se ela fosse irracional. Então, a testemunha que observou o assassino esfaqueando a vítima tem um conhecimento “irracional”, e “racional” será a prova montada, entre outras coisas, com o testemunho. Ora, é claro que quando o sujeito fez o raciocínio, quando ele percebeu que as cartas vermelhas estavam viciadas, e as azuis, não, isto é estritamente racional, é uma estrutura inteiramente lógica. Ele apenas não fez esse raciocínio dentro do seu cérebro, mas fez com os seus olhos, usando não signos mentais, mas os próprios dados da situação. Este é o conhecimento de certeza máxima que nós podemos obter. Nesse momento, estamos dentro do domínio da verdade. Quando raciocinamos e tentamos provar alguma coisa, não estamos mais no domínio da verdade; estamos no domínio da representação da verdade. E cada um de vocês vai ter de tomar esta decisão: querer viver dentro da verdade, ou querer viver dentro do mundo da representação, do subjetivo, do discurso, mesmo sendo do discurso coletivamente válido.

Toda a cultura superior dos últimos quatro séculos está viciada nisso, e quanto mais se aprimora o *establishment* universitário (quanto mais gente, mais dinheiro, mais poder), pior isso fica, porque vai aumentando a comunidade

daqueles que confirmam as certezas mentais uns dos outros. Consequentemente, não é possível corrigir isso no *establishment*. Nós temos de corrigir em nós, individualmente.

No mundo de língua inglesa, sobretudo, existem muitos debates entre as chamadas “duas culturas”: a “científica” e a “literária”. Saul Bellow fazia aquela famosa distinção entre o que ele chamava de “os escritores” e “os intelectuais”. Os intelectuais são aqueles que criam idéias, doutrinas, hipóteses, discutem, e os escritores são aqueles que tentam expressar mais diretamente possível as impressões genuínas. “Impressões genuínas” são aquelas como a das mãos que suam quando pegam a carta da pilha vermelha. Mas é claro que todo esse debate é viciado, porque toda percepção direta é remetida para o campo da literatura, das artes, da religião, do misticismo e do “irracional”, e tudo que é do campo da ciência já não tem relação alguma com o campo da observação direta, mas é tudo constituído de doutrinas, hipóteses, provas etc. A maneira de articular o problema está completamente viciada, porque a diferença aí não é do “consciente” para o “inconsciente”, nem do “racional” para o “irracional”, mas do raciocínio, da conexão lógica exibida pelos próprios fatos, e da sua imitação mental posterior. Esta é a única diferença. Como a conexão lógica percebida imediatamente não é transmissível em si mesma, só pode ser transmitida de duas maneiras: ou através da sua transformação em conceitos, e da posterior montagem do raciocínio, ou através da sua representação simbólica. Mas as duas são indiretas. A literatura, neste sentido, não está mais próxima da experiência real do que o está a ciência, sendo também ela uma transformação simbólica. A percepção real continua intransmissível. Quer dizer, podemos ter experiências análogas, até idênticas, mas não *aquela* experiência em particular. Acontece que, se é possível alguma conexão entre os raciocínios que montamos a partir da experiência, é porque já há essa conexão na própria experiência; esta nos mostra a sua conexão lógica interna. É a racionalidade do próprio real que se mostra. E a racionalidade do próprio real é a razão divina, e não a nossa razão. Esta só vale alguma coisa porque ela é capaz de se referir indiretamente à primeira razão, à razão divina. Se não houvesse efetivamente nenhuma conexão interna entre os fatos, todas as conexões que montássemos em nossas cabeças seriam artificiais, seriam falsas. Mas todas as conexões que montamos não podem reproduzir inteiramente a estrutura do real, porque seria preciso fazer acontecer tudo de novo. A lógica interna do real só se mostra no momento em que ela se mostra, e tal como se mostra. Nós não podemos dela nos apropriar. Para isto, seria preciso **[01:10]** captarmos a integralidade da racionalidade do real, ou seja, que nos apropriássemos do *logos* divino, transformando-nos em Deus. Como isto não é possível, restam-nos as representações indiretas. Acontece que nós, em seguida, operamos a inversão blasfema, e começamos a valorizar mais as estruturas criadas pela nossa mente do que as estruturas da racionalidade real, tal como se apresentou nos objetos. E nós chamamos isso de ciência, filosofia, arte etc.

No fundo, era isso que o Bruno Tolentino quis dizer com o “mundo como idéia”. As pessoas não querem o mundo. Elas querem uma idéia do mundo (idéia criada por elas). Esta idéia nos dá uma sensação de segurança justamente porque nós a criamos. Nós somos dominadores onipotentes do nosso mundo subjetivo – não dele inteiro, porque ele também é uma realidade e nós não o

dominamos por inteiro, mas dominamos a parte que construímos mentalmente. Então escolhemos esta, porque o outro mundo nós não dominamos. Só que, no momento em fazemos isso, viramos um idiota perfeito.

O predomínio da prova sobre a realidade, do signo sobre o significado, é a grande perversão cultural. E é justamente isso que nós temos de evitar. A filosofia existe, foi inventada, como um remédio contra isso. Nos diálogos socráticos, permanentemente Sócrates puxa as pessoas de volta, desde o seu mundo de idéias, para o mundo da experiência real. E é o que nós temos de fazer permanentemente conosco mesmos.

Mas desistam de aprimorar a percepção direta. Ela não pode ser aprimorada. Não há exercícios para isso. Aliás, ela não pode ser aprimorada porque ela já é perfeita. Ela é a percepção da realidade, é o conhecimento, e não pode ser aprimorada. Nós é que temos de nos aprimorar; temos de aprimorar a nossa personalidade para que aceitemos os dados do real. E isto é trabalho para uma vida inteira. É exatamente isto que nós estamos tentando fazer aqui. Temos de criar outro tipo de formação – uma formação que quebre a autoridade dessas formas culturais hipnóticas e que coloque, no lugar disso, a autoridade do próprio real, tal como experimentado imediatamente, como no caso em que a mão começou a suar enquanto pegava a carta vermelha. Nesse momento é quando estamos na plenitude do real, e percebendo o que está acontecendo mesmo. Mas como estamos percebendo com os próprios elementos da situação, e não com elementos mentais, não podemos repetir mentalmente o processo. Para repeti-lo, precisaríamos converter a experiência real num esquema mental. A certeza que esse esquema nos dá *refere-se* à experiência real, mas não a *reproduz* (representar e reproduzir são coisas diferentes). Isto quer dizer que, quanto mais pudermos nos ater à percepção imediata, sem racionarmos, melhor, porque o raciocínio é trabalhoso, é complicado, é demorado, e a possibilidade de erro é grande.

Ora, uma cultura que exige mais a prova do que o conhecimento é uma cultura totalmente pervertida, porque toda prova é relativa. Nenhuma prova pode nos dar certeza absoluta; certeza absoluta é dada apenas pela percepção direta. Se exigimos sempre provas, provas e provas, e não queremos a percepção direta, não queremos conhecimento nenhum; queremos apenas um pretexto socialmente aprovado para acreditar em alguma coisa. Isto quer dizer que a exigência de provas (não toda a exigência de provas, mas neste sentido que eu estou falando) é uma fuga ao conhecimento, e uma busca de refúgio na autoridade. É, na verdade, um puro argumento de autoridade.

Muito bem, terminada esta parte, vamos ver se respondemos a algumas perguntas.

Aluno: Gostaria de saber um pouco sobre os pais fundadores dos EUA, se temos algo a aprender com esses homens, e também sobre a escravidão islâmica, onde os negros já estavam escravizando europeus, porque eu nunca ouvi falar disso em parte alguma, até você falar sobre tal, e fiquei surpreso porque isso não está nos livros escolares.

Olavo: Em primeiro lugar, é claro que os pais fundadores dos EUA foram uma geração absolutamente notável: se repararmos o nível de preparação daqueles camaradas, o conhecimento que eles tinham dos clássicos, da filosofia grega, é

algo impressionante. Para eles, isso era arroz com feijão; era o próprio mundo onde eles orbitavam. Eu acho que nunca, em parte alguma do mundo, houve uma elite tão bem preparada como aquela. Mas onde houve uma elite muito boa, quase tão boa quanto, e em certos aspectos até melhor, foi no Brasil. A diferença é a seguinte: os americanos até hoje prestam atenção ao que os pais fundadores fizeram, lêem os discursos deles e raciocinam a respeito; no Brasil, o pessoal jogou tudo fora. Existe uma coleção de livros escritos por um historiador chamado Octavio Tarquínio de Souza, *História dos Fundadores do Império no Brasil*. Leiam aquilo e vocês verão que o Brasil tinha, naquela época, uma elite quase tão bem preparada quanto o pessoal daqui. Sob certos aspectos, eram melhores. O José Bonifácio de Andrada e Silva, por exemplo, era intelectualmente muito superior a alguns dos pais fundadores americanos. Agora, você já viu algum livro, algum discurso de José Bonifácio sendo distribuídos nas escolas? Não. Existiu uma edição feita pela prefeitura de Santos (porque ele nasceu em Santos) que é uma coisa raríssima e cara; algo que só especialistas tinham, uma edição enorme, em três volumes, e, para o resto da nação, as palavras de José Bonifácio tornaram-se secretas. Agora, quanto aos fundadores, tem Evaristo da Veiga, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Padre Diogo Feijó, que era uma plêiade de homens de muito talento e muito sérios. A diferença não é que os pais fundadores dos EUA eram melhores que os do Brasil, não; é que aqui os caras levaram a sério e criaram uma tradição, e aí no Brasil, não. Aí no Brasil apagaram tudo. Esta é a diferença.

Quanto à escravidão islâmica: nos últimos vinte anos, o pessoal começou a estudar o fenômeno da escravidão islâmica na África, e hoje se sabe que, primeiro, essa escravidão começou muito antes que a escravidão na Europa (esta tinha sido abolida quando surgiu o fenômeno do servo da gleba). O servo da gleba não era mais um escravo, ele era um proprietário independente. A diferença era que ele não podia vender a sua terra, então a terra ficava eternamente associada à sua família. Quer dizer, o filho a herdava. Então, o antigo escravo adquiria o direito de constituir família. No Império Romano não tinha esse direito. Havia uma procriação coletiva e ninguém sabia quem era o filho e de quem era filho, então não havia bens, propriedades a serem transmitidas. Então quando o sujeito consegue isso, ele não é mais um escravo: ele tem a sua terra, a terra pode ser passada aos seus descendentes, só não pode ser vendida. Chamava-se o servo da gleba por causa disso: a existência dele estava ligada àquele pedaço de terra. Enquanto isso, os muçulmanos estavam invadindo a África toda e fazendo uma desgraça lá, fizeram um verdadeiro genocídio ali, porque pelo menos 80% dos escravos eram castrados e, na castração, 80% morria. Os escravos castrados eram muito valorizados, custavam mais caro do que os outros, por motivos óbvios: **[1:20]** não apresentavam riscos e era um pessoa mais cordata, mais obediente. Mas para cada dez castrados sobreviviam só dois, então isso aumentava ainda mais o preço. O número das pessoas que eles castravam vai para muitos milhões. Ora, o número de escravos castrados pela escravidão islâmica supera todo o tráfico transatlântico de escravos, que foi de aproximadamente 5 milhões de pessoas. Eles castraram muito mais gente do que isso. E a escravidão lá começa no século VII e se prolonga até o século XX! Quer dizer, você tem treze séculos de escravidão. E a escravidão européia durou três séculos. E, além disso, não era propriamente escravidão européia, porque eles

não levavam escravos para a Europa, levavam apenas para as colônias da América. Então isso quer dizer que quando o primeiro português chegou lá e comprou o primeiro escravo, a escravidão islâmica já estava instaurada há muito tempo. E qual era a posição dos negros? Havia negros islamizados já desde o primeiro século da história islâmica. Então estes não estavam entre os escravos, estavam entre os invasores e escravizadores. E eles não pegaram gente só na África, pegaram também na Europa. Pegaram gente na Itália, na Espanha, na Inglaterra... Na Inglaterra, até o século XVIII, XIX, eles ainda aprisionavam gente para levar para escravo, para Meca. Quantos europeus foram levados como escravos? Não foi um ou dois, porque isso aí também durou pelo menos dez séculos. Não fizeram ainda o cálculo. Mas o cálculo do que eles fizeram na África hoje começa a aparecer. Existe um livro de um autor africano que se chama Tidiane N´Diaye. O livro foi publicado na França com o título *Le génocide voilé,,* que em português seria *O Genocídio Velado, o Genocídio Encoberto*. Um dos livros mais impressionantes que eu li nos últimos tempos sobre a escravidão muçulmana na África, que é muito maior do que eu mesmo imaginava. E entre os senhores de escravos ali era impossível você descobrir quem era árabe e quem era negro, estava tudo misturado. Então, por que colocar sempre os ocidentais como os grandes escravizadores, e o pessoal do terceiro mundo como os coitadinhos que foram sempre escravizados, quando foram eles os maiores escravizadores? Não só foram escravizadores; esse negócio de castrar pessoas, isso aí no Ocidente nunca existiu. Isso foi um verdadeiro genocídio. Se para cada dez sobravam somente dois, você imagine o número de eunucos que existiam nos países islâmicos e também na China e em outros lugares. Faça o cálculo. Para cada um que está ali tem outros quatro que morreram. É uma coisa absolutamente monstruosa. Então, como é que essa sociedade tem a cara de pau de querer passar pito nos europeus ocidentais? Isso aí é que nem, sei lá, o Fernandinho Beiramar dando bronca num batedor de carteira.

Aluno: Professor, o que houve com a coleção de Biblioteca de Filosofia coordenado pelo senhor e editado pela Editora Record?

Olavo: Eu não tive mais tempo de fazer aquilo. Eu tinha um monte de ocupações e não tinha tempo de tocar aquilo. Agora que nós estamos fazendo o Seminário, eu estou aqui encaminhando um plano, aliás, não é mais um plano, já está em execução, de publicar os principais livros para a sua formação, livros que ou serão usados nas próprias aulas do Seminário, ou serão leitura recomendada como parte integrante e absolutamente indispensável da sua formação. A coleção já está mais ou menos planejada, já tem alguns que estão sendo traduzidos. Não vou dar título agora porque não estão fechadas as negociações de direitos autorais; então, para evitar que algum aventureiro lance mão das minhas idéias (como se costuma fazer, roubar as idéias do Olavo e não pagar, isso já virou instituição no Brasil. É uma coisa assim que todo mundo pode fazer. O Brasil é o país antropofágico: aparece um sujeito que está fazendo alguma coisa boa vai lá todo mundo para roubar, essa é a idéia). Eu acredito que dentro de um ou dois meses no máximo nós vamos lançar esse projeto. Agora o projeto vai depender inteiramente de vocês. Quer dizer, o responsável pelo sucesso disso serão vocês, porque esses livros serão editados em primeiro lugar para vocês. Claro que depois nós vamos colocar à venda nas

livrarias por um preço bem maior, mas os livros serão lançados aqui no Seminário por assinatura, quer dizer, você vai... quando for lançado o título tal, no dia tal vamos lançar o livro. Os membros do Seminário pedirão os livros por assinatura e o receberão dentro de 20 dias ou um mês. Não vai precisar pagar adiantado, é só a assinatura, é só o compromisso de comprar. E os livros que sobrarem desta edição serão colocados em distribuição nas livrarias por um preço maior.

Outra coisa: eu sei que tem gente que colocou um monte de livros meus no *4shared*, e outros sites da Internet. Não façam isso. O lugar certo para divulgar as coisas é no Seminário de Filosofia. Não tem sentido você trabalhar durante 40 ou 50 anos para depois praticamente tudo o que você fez ser pirateado. Eu espero que vocês não façam isso. Se vocês tem materiais... tem gente que tem gravação de cursos inteiros meus. Faça o favor de mandar para mim, porque afinal de contas o proprietário disso aí sou eu. Mas isso acabou, agora está havendo maior colaboração entre os alunos, eles oferecem o material que um não tem, passa para o outro, agora tem mais colaboração. Tinha uma época em que cada um achava que ele era o dono exclusivo de tudo, ele gravava tudo e escondia. E, anos depois, divulgava à sua maneira. Então tudo isso aí está muito errado, é totalmente contraproducente. Nós temos que concentrar estas coisas.

Então espero que dentro de um ou dois meses eu já possa anunciar pelos menos os dez primeiros livros da série e as datas em que eles serão colocados em circulação e lançar portanto as assinaturas.

Aluno: Vejo que os alunos até mais do que eu andam sem saber como organizar em sua rotina o plano de estudos e os exercícios todos que o senhor já mencionou em suas aulas.

Olavo: Não é para organizar de maneira alguma. Isso aí é para você fazer quando der, do jeito que der, e é para cada uma dessas coisas se tornar uma rotina para você. Por exemplo, aquela coisa do necrológio. É para de tempos em tempos você voltar a pensar nisto aí. Eu não vejo que você tenha de se organizar nisso aí; você tem de absorver estas coisas como práticas usuais. Não tente se organizar. Veja, quando nós tentamos organizar nós estamos passando para a esfera do conhecimento do segundo tipo. E não é, nós temos de tentar manter a naturalidade e a espontaneidade em todos os momentos. Não é para você se atormentar, não é para você forçar nada. Isso aí eu lembro o meu professor de artes marciais, o Michel Weber. Ele dava uns exercícios e falava assim: “Isso aí é para fazer de maneira que não pode cansar e não pode doer. Se cansou está errado e se doeu também está errado. É pra ser tudo no macio”. E eu sei que ele começava a fazer aqueles exercícios às 6 horas da manhã, terminava à meia-noite e nunca estava cansado, mas ele fazia e fazia tudo devagar, fazia um pouquinho para lá, um pouquinho para lá, e assim ia. E aqui também nós temos que fazer tudo no macio. E com o tempo isso vai tendo um efeito acumulado que você não imagina como é que é.

Aluno: Entre ouvir as aulas, fazer exercícios de latim, ler ficção, imitar o estilo dos escritores, **[1:30]** *ler com vagar um livro de filosofia e outros exercícios que o senhor mencionou, tudo isso no tempo que resta depois dos afazeres do trabalho competindo com a atenção devida a minha esposa e com distrações bem menos boas, parece que faço tudo pouco e mal.*

Olavo: Não, é o contrário, é para fazer isso o tempo todo! Não tem de separar um tempo para fazer isso; tem de ir fazendo em todos os intervalos da vida, tem de virar um estilo de vida. Não é uma prática que você determina: “Eu vou fazer x horas por dia”. Não! Você vai fazer isso sempre que lembrar.

Por exemplo, ler ficção. Eu acho que tudo que li de ficção, li em trem, ônibus, avião, e quando meu patrão virava as costas. Eu não li nada em casa. Então, quando você vai para o trabalho, leve o seu livrinho; não tem nada o que fazer, lê ali. Não tente organizar isso. Tente absorver no seu cotidiano, o que é bem diferente. Não separe um momento pra fazê-lo; são coisas que você vai fazer sempre que lembrar.

Aluno: (...) Por isso cogitei, nesse plano, fazer primeiro o que parecia mais elementar e fundamental, e deixar para depois aquilo que talvez seja mais bem feito se realizado mais tarde. 1º) de tudo ler quase só ficção em prosa e verso.(...)

Olavo: Eu acho que uma imersão na literatura de ficção durante algum tempo seria muito bom, mas isto não quer dizer que, quando se lembrar, você não vá fazer as outras coisas ao mesmo tempo. Por exemplo, de tempos em tempos, aprimore seu necrológio. Refazer o necrológio é meditar sobre a própria morte e sobre a forma integral da vida. Isto é uma coisa que nunca será demais. Quanto mais vezes voltar a pensar nisto, melhor para você. Você verá as coisas com mais perspectiva, com mais clareza.

Aluno: (...) 2º)Lê-la com o mesmo método que o senhor recomendou para leitura cuidadosa da filosofia, isto é, referindo cada passagem a minha experiência real.(...)

Olavo: Sim, certamente. Na ficção, no entanto, você fará isso de maneira muito mais rápida, porque ela já vem com imagens. A ficção é um sonho acordado dirigido, então não precisa produzir tudo mentalmente. No caso do livro de filosofia, não, você vai ter que criar tudo na sua memória. Mas na ficção já vem quase tudo feito, então você vivencia aquilo praticamente como um sonho. Mas note bem: não faça nada disso forçado; faça na hora que der vontade de fazer. A comodidade aí é uma garantia da espontaneidade. Tem de reaprender a não forçar essas coisas. Nós temos uma série de maus hábitos determinados pelas escolas, em que tudo tem prazo, tem horário, e você tem de se adaptar àquela coisa. Isso é bom para adaptá-lo a um esquema coletivo, onde há uma norma e todo mundo deve segui-la; mas nesse caso não, você vai ter de encontrar o seu próprio estilo e a sua própria maneira de fazer. Ninguém está te pressionando. Nem eu estou te pressionando. A única coisa que eu pressiono, que eu quero, é a dedicação sincera das pessoas, isso aí eu quero. Mas não é uma disciplina externa, não dá pra ter uma disciplina externa dessa coisa.

Aluno: (...) 3º)Catalogar o vocabulário da ficção lida, procurar as palavras [desconhecidas] no dicionário, e mesmo algumas que eu já conheço, como se estivesse lendo um livro em idioma estrangeiro.(...)

Olavo: Claro! Consultar dicionário deve ser um hábito, deve ser uma das

leituras mais constantes que você tem. Você sempre deve olhar no dicionário. Tenha-o sempre na mesa. Isso aqui que você está falando não deve ter uma ordem, uma seqüência, você pode fazer tudo isso ao mesmo tempo. E de fato já o está fazendo.

Aluno(...) Concomitantemente a períodos de leitura de ficção, ir fazendo os exercícios de latim.(...)

Olavo: Olha, em dois ou três meses você pode matar o livro inteiro do Napoleão Mendes de Almeida. Não é uma coisa que vai te dar muito trabalho durante muito tempo.

Aluno: (...) 5º) Depois de também haver treinado e enriquecido a imaginação com essas leituras e cultivado o hábito de abastecê-las com referencias a minha experiência real, durante pelo menos uns oito ou nove meses, começar a ler vagarosamente uma obra de filosofia.(...)

Olavo: Você pode seguir essa seqüência se você sentir que é a coisa natural para você, mas outras pessoas vão querer fazer tudo ao mesmo tempo, e não tem nenhum problema.

Aluno: (...) 6º) Ao mesmo tempo, havendo já lido muitos escritores e observado as diferenças entre eles, e depois de ter esclarecidas as estruturas da língua portuguesa por meio de muitos exercícios de latim, reunido um vocabulário ativo e não só passivo, escolher um escritor para imitar e tentar descrever, por meio do seu estilo, aquilo que percebo na leitura meditada do livro filosófico. (...)

Olavo: Está perfeito. Mas eu reafirmo: não é preciso seguir uma seqüência, você pode ir fazendo tudo isso mais ou menos ao mesmo tempo, e como uma espécie de círculo, você vai voltando aos mesmos pontos.

Eu acho que você está fazendo a coisa certa. Se você acha que essa é a sua maneira de se organizar, ótimo! Não há nenhum critério pelo qual eu possa organizar todo mundo. Cada um vai ter de se virar, e acho que você faz muito bem em pensar o seu próprio problema de organização. Mas não se force demasiado; deixe-se conduzir pelo que vocês realmente querem; procure identificar o que você realmente está querendo fazer em vez de forçar. Não deixe o superego ficar espremendo você toda hora.

Aluno: Caro professor Olavo, sem mais delongas, quero dizer que o curso está maravilhoso. Está mexendo profundamente em questões que venho labutando faz muito tempo. Sou diretor teatral e músico. Alguns alunos do Seminário aqui de Florianópolis conhecem meu trabalho. Trabalho com música medieval e renascentista, e sou diretor de uma companhia de teatro atuante aqui na capital. Conheci seus escritos através de um grande artista: Roberto Mallet. Venho tentando, na medida da minha capacidade, realizar analogias entre os ensinamentos do curso e a reflexão artística, mas tenho esbarrado em certas questões. 1º)Em um país como o nosso, como a sinceridade do conhecimento pode auxiliar o artista a chegar até um país tão bombardeado de picuinhas e

valores tão mesquinhos?(...)

Olavo: Eu acho que esse problema é insolúvel. O ambiente mental brasileiro é mais corrupto do que você imagina, e mais corrupto do que eu mesmo imagino. Todo dia eu fico surpreendido com essa coisa. Eu vejo que na nossa sociedade existe uma espécie de ódio ao conhecimento, e ódio à inteligência. Não é apenas preconceito ou inveja: é ódio mesmo. Eles odeiam o conhecimento. De certa maneira, são pessoas que se sentem excluídas do mundo da inteligência, do espírito, e agem como se fossem condenados do inferno. Não são condenados do inferno, mas agem como se já o fossem. Mas você precisa ver que o povo mais simples, mais pobre, não está afetado por isso aí. Às vezes, entre pessoas de uma classe social mais baixa, você encontra uma receptividade muito maior. Tente trabalhar mais diretamente para o povão, e não passar pela classe média intelectual, porque esses vão te comer vivo.

Aluno: 2º): Certa vez, no curso, você comentou que um artista não necessitaria ter fidelidade ao seu discurso, mas que cada obra de um filósofo deve ser fiel ao seu discurso até a morte. Mas o que dá, como disse Modris Eksteins, consistência de estilo, não é justamente a permanência em um caminho estético e poético?(...)

Olavo: Não. A consistência de estilo é dada pela progressiva descoberta de si mesmo que você vai fazendo. A unidade de estilo você não precisa forçar para ter: ou você tem ou não tem. O estilo é você mesmo. O fato é que a diferença no trabalho na esfera literária e na filosófica é que nesta você está buscando constantemente uma orientação no mundo do conhecimento e da ação; este esforço é permanente, ele não pode parar. Isto quer dizer que nenhuma obra filosófica coloca um ponto final no negócio. Não há ponto final. Já um poeta tem de terminar o poema. Então aquela forma verbal especifica, ele vai ter de concluir, fechar nalgum ponto, e quando terminar aquilo ele vai fazer outra e mais outra etc. Como essas obras são expressões simbólicas da experiência, elas não precisam levar a conclusão nenhuma; elas são apenas uma matéria-prima para conclusões. Então elas não precisam chegar a conclusão alguma. Por isto mesmo o poeta não precisa ter nenhum compromisso com o poema que ele fez ontem. Aquilo está fechado, acabado e vai exercer sua **[1:40]** atividade fecundante sobre outras inteligências, que vão ler aquilo e serão inspiradas a pensar outras coisas, fazer outras descobertas, em uma variedade absolutamente inabarcável.Se você está trabalhando na filosofia, a continua, a revisão de itinerário é absolutamente necessária, porque você está a cada momento tentando obter certas regras gerais a partir da experiência vivida. A experiência tem o predomínio, e a regra geral deve se adaptar à nova experiência, quer dizer, contra fatos não há argumentos; na medida em que a coisa se impôs como um fato, é você que tem de se adaptar, e essa adaptação é contínua.

Aluno: (...) 3) Por último, e ainda mais desesperador: vem crescendo enormemente neste país um afeto gayzista dentro da construção de personagens, tanto no cinema quanto nas novelas e no teatro. São pessoas que sempre se auto-denominam poderosas frente às situações da vida, donas

de si, e procuram desfilar seu último modelito. Até nossas mulheres vêm se tornando gays em termos de comportamento. São personagens cheios de desdém uns pelos outros, e exibicionistas. Venho pensando se todo esse imaginário gayzista também não é prejudicial à visão das pessoas no que se refere a certas experiências interiores que somente a arte pode evocar.

Olavo: Mas é claro que é! No momento em que as pessoas começam a definir até as suas posições e atitudes políticas em função de certas preferências sexuais imaginárias, então é claro que estão absolutamente obsedadas, estão loucas. Como é que os seus impulsos sexuais podem definir atitudes políticas? Entre uma coisa e outra a distancia é monstruosa. Seria o mesmo que você se definir politicamente a partir das suas preferências gastronômicas. Isto não faz o menor sentido. As pessoas estão dando atenção demais às suas fantasias sexuais, e estão fazendo com que estas sejam o fator determinante na construção das suas personalidades inteiras. Isto não faz o menor sentido. De fato, existe toda uma cultura gayzista que é feita de afetação, de pose e, sobretudo, de uma atenção excessiva às suas próprias “necessidades” eróticas. O impulso erótico não é uma coisa como a fome. A fome expressa uma necessidade que se não for atendida em certo tempo você morre. Se você for privado de sexo eternamente — se o sujeito o põe na cadeia durante setenta anos -- você não vai morrer por falta de sexo. Ele é uma necessidade sob certos aspectos. Ele é uma necessidade simbólica. A melhor atitude a esse respeito é a modéstia, que significa o seguinte: eu quero certas coisas, mas se não as tiver não vou reclamar, não vou ficar revoltado.O direito ao prazer sexual não existe absolutamente. Se você coloca isso como um direito e como um elemento essencial da sua dignidade, quer dizer, a dignidade gay ... Pense na dignidade hétero. Por exemplo, o sujeito que come as mulheres de todos os vizinhos é hétero. Qual é a dignidade que existe nisso? Nenhuma. Então não existe dignidade nenhuma em ser hétero e não existe dignidade nenhuma em ser gay. Qual é a dignidade da fome – de você querer comer? São categorias que não se aplicam, uma coisa é a dignidade humana em geral. Mas existe uma dignidade especial gay? Não é possível isso aí.

Na hora que eles criam isso, você vê que o artificialismo tomou conta da mente desses caras. Você imagina um sujeito de quatro, pedindo para um negão comê-lo e dizendo: isso é dignidade gay! Claro que eu não vou cuspir na cara do sujeito porque ele está fazendo isso. Ao contrário, se eu sei que o sujeito fez isso, eu sou o primeiro que vou tentar encobrir para o cara não passar vergonha. Não estou aqui para humilhar ninguém. Eu só gosto de humilhar intelectuais — e por motivos relevantes. Eu jamais humilharei pessoas por causa de suas condutas sexuais. Por que insistir que existe uma grande dignidade nessa coisa? Eu não vejo dignidade nenhuma nem em ser gay nem em ser hétero. É uma categoria que simplesmente não se aplica. É uma coisa que acontece. É como você calçar sapato 41 ou 42. Qual é a dignidade que tem nisso? Não tem nenhuma! As pessoas estão pegando coisas inócuas, até negativas, e transformando em valores supremos.

Uma vez eu expliquei isso: a identidade sexual de um sujeito hétero simplesmente repete a forma da sua anatomia e fisiologia. Ele está simplesmente expressando: “eu sou homem, nasci aqui com um peruzinho,

duas bolinhas e ali tem a mulher". O desejo heterossexual simplesmente expressa a forma da sua anatomofisiologia. O desejo gay não é isso. A identidade gay não é construída a partir da forma anatômica, mas a partir do desejo. Então essa identidade só tem fundamento imaginário, só tem fundamento na esfera das fantasias que o sujeito tem, então ele tem de reafirmar aquilo. Mas se ele tem de reafirmar a identidade gay, é porque não existe identidade gay alguma. É a famosa confusão de gênero e sexo. Normalmente o gênero é o correspondente gramatical da divisão de sexo, quer dizer, existe gênero em gramática porque existe sexo na realidade; existe a divisão sexual. Todas as espécies de animais, sem exceção, têm a divisão de sexo. Você metaforicamente transpõe esse gênero para coisas que em si mesmas não tem sexo, mas que podem ser enfatizadas como masculinos e femininos para efeito de figura de linguagem. Por exemplo, nós dizemos o mar e a lua, mas em alemão eles dizem o contrário; no alemão a lua é masculino, e o mar é feminino. Isto quer dizer que nós estamos figurando o mar e a lua por qualidades estéticas opostas, e tanto o mar quando a lua tem as duas qualidades opostas, então são essas possibilidades de enfatizar certas similaridades que a língua tem de oferecer. A partir de um certo momento, esses teóricos do feminismo, do gayzismo etc, acharam que a identidade pessoal de gênero é imposta arbitrariamente pela sociedade. Mas não é arbitrariamente: ela imita o sexo, quer dizer, você coloca as meninas no feminino e os meninos no masculino. O que pode haver de artificial nisso aí? Se o sujeito depois desenvolve outros desejos, isto não muda aquela sua identidade inicial. Se o cara diz: "eu sou homossexual, eu gosto de pessoas do meu sexo", automaticamente ele está assumindo a sua identidade de gênero conforme o seu sexo. Quer dizer, o sujeito é tão macho que ele só gosta de macho. Tem aquela famosa discussão entre um deputado gaúcho e um deputado mineiro. Em uma discussão acirrada no congresso o gaúcho levantou: "Fique sabendo vossa excelência que lá no Rio Grande nós somos todos machos!". E o mineiro disse: "Fique sabendo que lá em Minas nós somos metade macho e metade fêmea!". Que desgraça! Imaginem um estado inteirinho só com macho!

Na hora que o sujeito se define como homossexual, ele está automaticamente assumindo a identidade de gênero, ele não a está rejeitando. E se o sujeito for um transexual, ele também a está assumindo, porque ele está dizendo que não está satisfeito com a sua presente condição de sexo. Se ele não está satisfeito, é porque admite que ela existe.

Todo esse vocabulário gayzista e feminista é feito de tomar metonímias **[1:50]** como se fossem tradução de realidades físicas; é um mundo totalmente artificial. Para o artista isso é uma desgraça, pois na hora em que você adota esse tipo de linguagem, tudo fica estereotipado, não há mais experiência genuína. Ele não pode mais dizer realmente o que está se passando consigo mesmo; ele transpõe tudo para uma clave imaginária, que é o discurso do movimento feminista,ou do movimento gay, então vira tudo publicidade, e não há mais arte.

Eu não tenho solução para esses problemas. A solução é meditar e meditar; ir tentando.

Aluno: A última aula do curso — aula 14 —, que foi dedicada à questão da busca da verdade, embora esclarecedora, acabou por despertar em mim uma dúvida que, na verdade, me acompanha há certo tempo, mas que só agora sou capaz de formular mais claramente. Trata-se do papel do senso comum na busca da verdade. Com essa expressão refiro-me às experiências comuns a todos os homens, das quais emerge um conjunto orgânico de certezas primeiras como pano de fundo de qualquer debate que busque a verdade. A isto recorre São Tomás de Aquino na Suma Contra os Gentios, ao constatar a impossibilidade de apelar à verdade revelada. Da mesma forma, nos diálogos socráticos, o chamado de Sócrates a esta verdade testemunhada pelos seus interlocutores é constante. Estas certezas são evidentes não por convenção, mas porque são experiências reais e pessoais da verdade vividas por todos os homens e que, portanto, podem ser sempre evocadas como uma forma de chamamento à realidade, impedindo que caiamos nesse plano universal, abstrato e incondicionado ao qual o professor se referiu. Porém, parece que hoje, no contexto brasileiro, é impossível fazer uso do senso comum como expediente metodológico de chamamento à condição existencial do interlocutor, de vez que a classe falante – composta por negadores profissionais da realidade, como o professor disse em uma das aulas – substitui e mimetiza a verdadeira classe intelectual.

Olavo: Você tem toda razão! O apelo ao senso comum não funciona mais no Brasil porque aquele depósito, aquele legado de experiências das gerações anteriores é cada vez mais encoberto por um discurso publicitário totalmente artificial. As pessoas já não são mais capazes de dizer o que sentem; elas sempre dizem alguma coisa que expressa indiretamente o que sentem. A discussão pública no Brasil é hoje praticamente constituída de palavras que são emblemas dos bons sentimentos que o sujeito quer que o leitor imagine que ele tem. É tudo uma exibição teatral. É uma coisa realmente terrível, pois o senso comum é trocado por uma coleção de slogans.

Aluno: Assim, é possível ainda um recurso ao senso comum?

Olavo: Lembre-se do seguinte: quem diz alguma coisa diz algo para alguém. Escolha mentalmente as pessoas para quem você fala e escreva para elas, de maneira que estas entenderão, e as outras, não. E não ligue para estas. Por exemplo: outro dia fiquei satisfeito ao ver no blog do Hélio Pereira uma análise de certos escritos meus. Ele enfatizava que o artigo que fiz sobre Newton – esqueci o título do artigo, acho que é “Nas origens da burrice ocidental” – era difícil de entender porque tem muitos pressupostos, muita coisa embutida, de forma que você precisa saber quais são os pressupostos para entender o que o sujeito está fazendo.

Quando, ao mesmo tempo em que se realiza uma investigação filosófica, se escreve artigos de jornal, a compactação que somos obrigados a fazer nestes é monstruosa. Escrevo de tal maneira que eu sei que só uma faixa de leitores vai entender – aqueles que mais ou menos conhecem meu trabalho filosófico e que são capazes de conferir uma coisa com outra, ou aqueles que, mesmo não conhecendo, são espertos o suficiente para perceber que tem algo por trás

daquilo. Os outros, não. Estes pegam apenas a afirmação literal e começam a discutir absolutamente fora do contexto. E só falam besteira, claro. Mas eu não estou ligando para isto. Eu estou escrevendo para os bons leitores. Se os bons leitores são apenas os meus alunos, danem-se os outros! O que é que eu tenho a ver com isso? E você tem que fazer a mesma coisa. Escolher o seu público e falar para ele. Quando você lida com um público burro, malicioso e presunçoso, está em um mato sem cachorro! O que se pode fazer com um público burro, malicioso e presunçoso? Humilhe-o! A única coisa que você pode fazer, o único benefício que você pode dar aos caras é mostrar que eles são burros e humilhá-los. Pela humilhação, quem sabe, eles aprendem alguma coisa. Em geral, é um trabalho sem fim, porque se você tenta ser bonzinho com essa turma e se adaptar à *forma mentis* deles, você entra em uma confusão inabarcável. Não vale a pena. É como conversar com um louco esquizofrênico e querer adaptar a sua lógica à lógica da loucura dele. Mas o código desta loucura muda todo dia, meu filho! Então não dá! Você acaba sendo influenciado pelo maluco e ficando maluco também; loucura pega, pega por impregnação das estruturas subjacentes ao raciocínio. Escolha para quem você quer falar e ignore os outros. Se o seu escrito cair nas mãos dos outros e eles fizerem um monte de confusões, problema deles.

Aluno: Prezado professor, o senhor cita em seu artigo na Época — Um lindo casamento*, de 11 de novembro de 2000—, o filósofo polonês Leszec Kolakowsky, que faleceu ontem, dia 18. O senhor poderia falar algo sobre ele?*

Olavo: O Kolakowsky começou como um pensador marxista. Era um dos pensadores oficiais da Polônia. Aos poucos, de tanto estudar marxismo, ele acabou entendendo o que era aquela coisa, e escreveu um dos principais livros do século XX, que se chama *The Main Currents of Marxism (Correntes principais do marxismo)*, em que ele rastreou as origens do marxismo até no neoplatonismo. Lendo o livro, você vê que o marxismo constitui uma espécie de cultura. Foi deste livro que eu tirei a conclusão que pus no meu artigo *Marxismo como cultura;* os materiais que usei ali estão todos no livro do Kolakowsky. Ele não diz isto, mas se você ler você vai entender assim: o marxismo é uma cultura separada das demais culturas.

Houve uma época em que existiam três blocos filosóficos no mundo: o marxista, o analítico e neo-positivista no mundo anglo-saxônico, e um bloco existencialista, fenomenológico etc., na Europa. Esses três blocos eram absolutamente incomunicáveis. Não era possível traduzir um na linguagem do outro. As dificuldades que isto criava eram tantas que as pessoas simplesmente desistiam de comparar uma coisa com a outra e simplesmente entravam em um bloco, pegavam a linguagem dele e ficavam ali dentro para o resto da vida (o que evidentemente é uma espécie de suicídio intelectual). Você conseguir enxergar um desses blocos como um todo dentro do seu desenvolvimento histórico, certamente te liberta daquilo, pois você começa a vê-lo por cima.

Além disso, o Kolakowsky escreveu algumas outras coisas muito interessantes sobre Edmund Husserl, tentando demonstrar a inviabilidade do projeto fenomenológico. Coisas realmente muito interessantes. Kolakowsky era um

filósofo muito sério. Ele deixou-se iludir pelo marxismo por muito pouco tempo, e a libertação dele foi um negocio monumental. Foi parar tão acima do que os caras podiam compreender, que eu acho que na Polônia nem perceberam que ele estava fazendo alguma subversão.

Aluno: Como comecei a fazer o curso muito recentemente, ainda estou assistindo às primeiras aulas, que tratam do projeto socrático. Dentro desse contexto gostaria de esclarecer a seguinte dúvida: a filosofia de Francis Bacon, que inaugura a ciência moderna — que sobrepõe a técnica à razão, e a esperança no progresso à fé sobrenatural que é Deus, pode ser considerada filosofia no sentido estritamente socrático?

Olavo: De maneira alguma. Você não pode esquecer que o método de Bacon é absolutamente impraticável na realidade. Se você ler o *Novum Organum*, você percebe que aquilo é uma coisa tão complexa que ninguém jamais levou a sério. O princípio empirista, **[2:00]** de levar a sério apenas aquilo que pode ser verificado na experiência, traduz uma necessidade real, só que "experiência" aí aparece em um sentido já restritivo. O que eles chamam de experiência não é a experiência concreta: é a experiência já recortada segundo um quadro conceitual que seleciona da experiência apenas aquilo que se quer ver. O empirismo no sentido baconiano é o contrário do empirismo no sentido em que eu falei na primeira parte da aula. Eu estou falando da experiência concreta, mas o que esses caras chamam de experiência científica é outra coisa completamente diferente.

Aluno: (...) Na mesma linha, o pensamento marxista pode ser tratado como filosófico, tendo o fato de que Marx não conhecia a realidade, que é formada por pessoas com defeitos e concupiscências?

Olavo: Todos esses autores podem ser chamados ora de filósofos, ora de anti-filósofos, de alguma maneira, porque a própria história da filosofia tem essa ambiguidade. Conforme eu falei na primeira aula do curso História Essencial da Filosofia, a filosofia não aparece pronta: ela aparece como um projeto. Esse projeto se desenrola ao longo dos tempos e a continuidade da sua execução não é linear. Depois de algum tempo aparecem pessoas que: a) oferecem críticas ao projeto; b) oferecem projetos alternativos; c) querem fundi-lo com outros projetos – por exemplo, os projetos das religiões, das ideologias, dos partidos políticos etc. E assim por diante. A unidade da história da filosofia ao longo do tempo só pode ser compreendida como a unidade de um projeto cuja realização passa por mil e um percalços internos e externos. Neste sentido pode-se falar numa unidade da história da filosofia, mas é preciso ver que dessa história fazem parte muitas coisas que são exatamente o oposto do projeto socrático – nesse sentido são anti-filosofias, mas, como tais, fazem parte também da história da filosofia, como história das contradições internas e externas do projeto.

Não há uma unidade linear da história da filosofia, como pretendia Hegel. Hegel via toda a história da filosofia como um movimento que vinha em direção à sua própria pessoa; Marx faz a mesma coisa. Esse tipo de unidade não existe; o que existe é uma proposta que durante algum tempo os filósofos

levaram a sério e tentaram realizar. Sócrates, Platão e Aristóteles formam uma continuidade. Platão e Aristóteles estão tentando realizar o projeto socrático no sentido estrito, cada um acrescentando a sua parte. Mas quando chegamos ao período chamado helenístico, existem muitas filosofias ali que são pura auto-ajuda, outras que são pura retórica – são coisas completamente diferentes e que se oferecem como alternativas ao projeto socrático. Em que medida elas fazem parte da filosofia? Na medida em que são elementos opositivos que surgem dentro da filosofia, mas que se opõem a ela. Bacon e Marx podem ser considerados filósofos sob certo aspecto, mas anti-filósofos por outro, porque querem matar o projeto.

Aluno: Professor, gostaria que o senhor fornecesse nesta aula uma lista dos dez melhores livros de ciência política que o senhor já leu, à semelhança dos dez maiores livros de história.

Olavo: Epa, aí eu preciso pensar um pouco. Eu não vou poder dar esta lista nesta aula, mas prometo que vou pensar e dar uma lista depois.

Aluno: Professor, o senhor poderia sugerir uma bibliografia de história do Brasil?

Olavo: Uma bibliografia inteira eu não posso, mas há alguns livros indispensáveis. Primeiro, a séria inteira do Octávio Tarquínio de Souza, *História dos Fundadores do Império no Brasil.* Isso vocês têm de ler. A *História do Brasil*, do Oliveira Vianna, e a *História do Brasil*, do Oliveira Lima – os dois Oliveiras. *A Democracia Coroada*, do João Camilo de Oliveira Torres. Os livros do Gilberto Freyre, a série inteira, que vai de *Casa-grande e Senzala*, *Sobrados e Mocambos* e *Ordem e Progresso* – a história da formação da família brasileira, isso é muitíssimo importante. O livro do Raymundo Faoro, *Os Donos do Poder*, mas lido de preferência em sua primeira edição, porque o Raymundo Faoro estragou esse livro na segunda edição; a primeira edição publicada pela Globo ainda é muito boa. Também os livros do José Maria dos Santos e do José Maria Bello sobre a história da república. Acho que é por aí. Esses são apenas os livros indispensáveis. Todo mundo que se interessa pelo Brasil tem de ler esses livros.

Aluno: Na experiência das cartas, a certeza maior da segunda forma de raciocínio não seria devida ao fato de que um número maior de cartas foi observado? Mesmo considerando-se que o passado das cartas não garante o futuro, a sensação de maior segurança não é devida a um número maior de casos observados?

Olavo: Certamente, mas essa não é a diferença essencial. Quantos casos você precisa para completar um raciocínio indutivo? O velho Spinoza dizia o seguinte: "Um raciocínio indutivo jamais vai lhe dar certeza absoluta porque você nunca pode, de certo número de casos, ter a certeza de que um caso diferente não vá acontecer em seguida." Algumas pessoas tiram conclusão com três casos, outras com trinta casos, outras com trezentos casos, outras com três mil e outras não tiram jamais. Quando é que você fecha o esquema para saber que algo está acontecendo? O número de casos, por si mesmo, não

diz nada. Você sempre pode ter a "Síndrome do Piu-Piu": você viu os casos acontecerem mas fica inseguro.

No caso das cartas, qual é a situação real? Você sabe que está participando de um teste, mas não sabe qual é o objetivo dele, nem qual técnica está sendo usada. No instante em que você interpreta a sequência das cartas, você está interpretando o quê? A intenção do formulador do teste. Ora, essa intenção pode se tornar evidente para você com um pequeníssimo número de cartas. De fato, não é o número de cartas que dá a certeza. A certeza é porque, no segundo caso, *você* completou o raciocínio inteiro. Foi você mesmo quem o fez. Você está lidando com um material que está sob o seu domínio, por assim dizer. Falando estatisticamente, o número de casos lhe dá apenas probabilidade. No primeiro caso, não é bem um raciocínio de probabilidades que você está fazendo; você está captando uma intenção por trás de uma situação presente. E essa intenção se manifesta justamente na constância com que as cartas do grupo vermelho oferecem uma mesma resposta, e as do grupo azul oferecem uma mesma resposta. O elemento indutivo ou estatístico é só uma parcela desse raciocínio. Na verdade, a conclusão que você tira não é sobre as cartas, mas sobre a intenção do formulador do experimento. É uma questão de interpretação de uma situação humana.

Se nós isolarmos o fato de que os dois grupos de cartas foram colocados ali propositadamente para isso e fizermos um raciocínio como se fosse apenas uma indução a partir do número de cartas, nós estaremos falseando a situação. O sujeito que serve **[02:10]** de cobaia no teste sabe que tem alguém por detrás dele que domina a situação e que o colocou dentro dela com um propósito X ou Y. Na hora de pegar as cartas, é isso que ele está tentando captar – não é só as cartas em si, a distribuição das cartas em si mesmas; é a lógica total da situação.

O acúmulo do número de cartas poderia aumentar a probabilidade, mas não lhe daria a certeza. O que você obtém no primeiro método é já uma certeza. Você *sabe* que está dentro de uma determinada situação. No segundo caso, o que você obtém é só um raciocínio de probabilidade – e, paradoxalmente, você acredita mais neste do que no primeiro. Um dos motivos, certamente, é o número maior de cartas. Mas no primeiro caso a percepção já levou você imediatamente a ter a reação certa. Isso é que é o fantástico. Não é só uma conclusão; você já tomou uma decisão e instintivamente vai mais para as pilhas de cartas azuis. Aí houve uma adaptação total do sujeito à situação real. No segundo caso, não: há apenas uma construção mental na qual você está tentando se orientar.

Aluno: Um dos objetivos do curso seria o de 'desconstruir' em nossa personalidade essa 'patologia' herdada há mais de quatro séculos?
Olavo: Sem sombra de dúvida.

Aluno: (...) E a partir daí ter o conhecimento para prescindir dele (do conhecimento), e adotar uma postura de contemplação perante a realidade?

Olavo: De certo modo é isso, mas não só isso, evidentemente.

Aluno: (...) A última instância dessa filosofia não seria a de um 'conhecimento mudo'?

Olavo: Não, não totalmente "mudo", porque a percepção é muda, mas você sempre tem o recurso de contar o que aconteceu. A possibilidade da experiência análoga é o que fundamenta toda a viabilidade da comunicação humana. A coisa não é tão muda assim. O que é importante é você passar da atitude do teórico, do cientista que está querendo provar alguma coisa, para a atitude da testemunha que está dando um depoimento. Você não precisa provar nada. O que você está falando tem confiabilidade imediata. Por quê? Porque a prova é você mesmo, você é a testemunha. Você vai deixar de ser um intelectual, no sentido do Saul Bellow, para ser um escritor: vai dar um testemunho do que você viu. Isso tem confiabilidade máxima enquanto conteúdo de conhecimento, mas credibilidade mínima enquanto prova publicamente válida. Mas você vai acabar tendo sempre razão, porque você está se movendo na verdade.

Por exemplo, eu me vi numa situação assim, algum tempo atrás, quando escrevi um artigo a respeito da função de René Guenon e Fritjof Schuon como pioneiros do processo de islamização do Ocidente. Muita gente me cobrou provas. Eu falei: "Não tenho provas. Sou testemunha. Estive lá e vi. Eu sei porque eu vi. Não posso provar." Se vocês querem provas, elas podem demorar trinta, quarenta, cinquenta anos, mas você quer prova ou conhecimento?

A exigência de provas vem de uma impregnação de um raciocínio judicial: você não pode prender ou condenar uma pessoa à prisão ou à morte sem ter provas cabais. Agora, imagine se um estrategista, um general no campo de batalha pode esperar provas cabais para tomar decisões. Eles não podem, mas os grandes generais erram menos do que qualquer juiz, porque aí o erro tem a consequência imediata, que é a derrota. Se você estudar a vida de Napoleão Bonaparte – a velocidade com que ele tomava decisões estratégicas altamente complexas é um negócio incrível, ele raramente errava. Acho que só errou uma vez – e nessa vez que errou, ele se ferrou. Isso quer dizer que ele conseguia, no campo de batalha, na situação real, juntar aqueles vários dados que a realidade lhe apresentava, antes de poder representá-los mentalmente. O acerto das decisões se mostra na sucessão incrível de vitórias que ele obteve. Existem essas decisões na arte militar, na política, na filosofia. É isso que interessa para nós: interessa o conhecimento. A arte da prova é secundária. Geralmente, ela só serve para você tirar uma dúvida – e você deve tirar a dúvida sempre que puder, mas, quando não puder, não tem sentido rejeitar a verdade por isso.

Prestem atenção: a prova não pode ser dada por elementos da realidade. Para você provar as coisas com elementos da realidade, você precisaria fazer a coisa acontecer de novo diante de todo mundo. Mas você não é Deus, não pode fazer isso. A prova é dada com elementos secundários, artificiais. Se você privilegia a prova em relação à percepção, então você só toma decisões com relação a elementos do seu próprio universo subjetivo, e não da realidade como tal. Você está fugindo da realidade. Hegel dizia, com razão, que o medo

de errar é, com frequência, o medo da verdade: você exige a prova porque tem medo de errar. Mas se você mesmo foi testemunha – se você mesmo viu, se você percebeu –, por que tem medo de errar? Por que confiar mais num produto do seu próprio construtivismo subjetivo do que naquilo que você está vendo? É o negócio do Groucho Marx: "Afinal, você vai acreditar em mim ou nos seus próprios olhos?" Você está construindo uma autoridade absolutamente fetichista, como se houvesse uma comunidade intelectual simbólica que aceitasse suas provas, e você confia nisso em vez de naquilo que está vendo. Isso é o suprassumo do argumento de autoridade, é o suprassumo da alienação, é a destruição da sua própria inteligência.

Então, “a última instância dessa filosofia não seria de um conhecimento mudo?” Bom, a quase totalidade do que você sabe dificilmente poderá ser transmitida, mas acontece que essa totalidade é você mesmo, é a sua alma. Essa é a sua verdadeira substância. Você está querendo adquirir o conhecimento para você ser alguma coisa, ou para poder dizer para os outros? É uma decisão que você tem de tomar. O "dizer para os outros" deve ser secundário. Pergunte-se assim: “Eu quero saber a verdade, mesmo que eu não possa transmiti-la a ninguém, ou eu só quero saber o que eu posso transmitir?” Se você optar por essa segunda, você optou por ser um simulacro. Se optou pela primeira, você aceitou a responsabilidade do conhecimento. A responsabilidade do conhecimento consiste em saber coisas que os outros não sabem – e que talvez não possam entender. Se você não aceita saber o que os outros não sabem, então com quem você vai se nivelar? Aí você só tem de escolher o nível de burrice maior ou menor – é uma questão de optar por um nível de burrice, e não por outro.

Toda a nossa educação, toda a nossa cultura superior está voltada para isso atualmente; perdeu-se totalmente a tradição do conhecimento. Não digo que todo mundo **[02:20]** tenha sido afetado por isso, é claro que não – sempre sobra alguma coisa. Mas praticamente tudo aquilo que circula nas discussões públicas é só material de segunda mão, é só imitação, é só simulacro. Dificilmente você vê alguma coisa de verdade. Mas por que, quando eu digo alguma coisa e todo mundo diz o contrário, sou eu que acabo sempre ganhando a parada? Porque eu confio na realidade, enquanto eles acreditam na opinião que todo mundo confirma. Eles entraram já na perversão, não são capazes de olhar as coisas com os próprios olhos. Sem olhos próprios, só têm o olhar do outro – mas o do outro confia no do outro, que confia no do outro, e assim por diante. No fim está todo mundo se enganando.

A filosofia, na origem, é uma arte de perceber as coisas como são. Nem Sócrates, nem Platão, nem Aristóteles tiveram jamais a ilusão de que aquilo poderia ser compartilhado por todo mundo. Não dá, na prática não dá; as pessoas não aceitariam o que eles estavam falando. É assim. Não é que você esteja proibindo os outros de ter acesso a esse conhecimento – as pessoas não têm porque não querem ter. Se todos quiserem, a gente dá para todos, mas eles não vão querer. Só que a sua vantagem é que você está na realidade, você vai saber mais ou menos as coisas como são, e vai inclusive poder prever mais ou menos o curso dos acontecimentos.

Por exemplo, nos anos 1980 apareceu o livro do Paul Kennedy, *Ascensão e Queda das Grandes Potências*, no qual ele, usando um método científico (que era o cotejo entre os orçamentos militares das várias nações), via que à medida que os orçamentos militares cresciam, a economia começava a ter problemas. Com base nesse método científico, ele concluía que nos anos 1980 a União Soviética iria se tornar a dominadora do mundo e os Estados Unidos iriam cair. Ele escreveu e publicou isso cinco anos antes da queda da União Soviética. Não é para o sujeito enfiar a cabeça na privada e dar descarga? Teve gente que, sem fazer todos esses cálculos que ele fez, previu que a União Soviética iria cair – pelo método do "suor na palma da mão": eu senti suar aqui, já sei o que está acontecendo. Não se trata de uma previsão de futuro, não é bem uma previsão. Você está apenas contando o que já está acontecendo, e o capítulo seguinte já está embutido ali. Pode demorar algum tempo para aparecer, mas ele já está acontecendo. O aparecer é assim: aparecer aos olhos de quem? Se você capta uma verdade por intuição direta, quanto tempo leva? Não leva nada. É imediato, quase. E se você tem de dar uma prova? Bom, a prova tem de ser criada mentalmente, leva um tempo. Depois, toda prova pode ser contestada. Aparecem quinze mil contestações. Para você responder a todas elas, a sua vida não vai dar. Quando então você vai perceber a verdade? Daqui a quantas vidas você vai perceber?

Isso que eu estou dizendo é uma coisa tão evidente! O sujeito que diz que só acredita naquilo que está provado é um imbecil. "Nós devemos duvidar de tudo, até ter prova de tudo." Primeiro: isso é absolutamente impossível. Segundo: isso é estúpido. Você pode aprender as coisas por experiência direta – é imediato. Você pode aprender as coisas por prova – leva mais algum tempo. E você pode aprender por discussões intermináveis – e você nunca vai chegar a conclusão nenhuma. Mas tudo isso vem do desejo de que as pessoas confirmem o que você está dizendo. Por que você tem de provar uma coisa que você viu? Se você viu, não precisa de prova nenhuma. Você precisa provar para um *outro* acreditar naquilo que você está falando. É por isso mesmo que filosofia verdadeira jamais prova nada: simplesmente diz as coisas como elas são, e com o tempo aquilo acaba se revelando verdadeiro. Se demorar cem anos, dois mil anos, não faz a menor diferença. Afinal, um dia você tem de optar: você quer a verdade ou a prova? A verdade pode ser já; a prova vai demorar mais um pouco.

Que significa "prova"? Significa purificar a coisa, ter uma visão mais límpida daquilo. Essa visão mais límpida é construída na sua mente. Ela é límpida porque é constituída apenas de conceitos sem a mistura dos elementos acidentais, ao passo que tudo que foi percebido na realidade é percebido dentro de um fluxo que envolve todos os acidentes que têm algo a ver com o processo. O que é percebido na realidade nunca é com aquela limpidez daquilo que é percebido no raciocínio, a não ser que você limpe seus próprios olhos para aprender a perceber a conexão direta quando ela se apresenta diz para você: "Eu estou aqui". O fato de haver uma infinidade de elementos acidentais em torno de cada processo real é justamente o que dá consistência substantiva ao que está acontecendo. Se você separa um processo dos acidentes dele, então ele não existe mais: torna-se um processo apenas mental. Quando você faz isso, você se eleva para o plano das abstrações, e, para garantir a conexão

disso com a realidade concreta, você tem de fazer uma série de correções da prova. Isso não termina mais. É o que o Mário Ferreira dos Santos dizia: "Você sobe da situação para as abstrações. Agora precisa descer. Você tem de inventar uma dialética para dissolver a prova lógica até que ela volte a ter conexões de novo com a realidade da experiência." Muito bem, mas toda essa coisa da prova pode ser deixada para depois. Primeiro você tem de apreender a realidade.

Quando é que você vai precisar da prova? De vez em quando você pode precisar, porque alguém lhe pede. Mas a pessoa que pede, pede com boa intenção, ou pede só para atrapalhar? É como naquela história do Raul Seixas. Uma vez marcaram um show do Raul Seixas em Sorocaba. Ele foi e se apresentou lá: “Vim aqui para o show.” “Quem é você?” “Sou o Raul Seixas.” “Não, não é, você é um impostor!” E deram um cacete no Raul Seixas. Ele não pôde provar nada: ficou sem show do Raul Seixas em Sorocaba. Muitas vezes nós nos colocamos nessa situação. Se você deixa de acreditar no que sabe, só porque algum malicioso lhe exigiu uma prova que você não pode dar, então você se transformou em discípulo de gente burra, burra e maliciosa. Qual é a vantagem que você leva nisso aí? Por que você é tão dependente, por que é tão covarde?

Se nós não tivéssemos a capacidade de enxergar a realidade, então todos os nossos raciocínios não teriam conexão com a realidade – seriam um mero formalismo, e nós estaríamos vivendo num universo alucinatório. Não teria sentido você falar em ciência, em conhecimento etc. Então, vamos excluir essa possibilidade. Nós temos a capacidade de conhecer a realidade, cada um de nós tem, todo mundo tem. **[02:30]** Isso é distribuído quase que por igual. Volto ao exemplo do motorista: qualquer motorista – pode ser o sujeito mais analfabeto –, durante um trajeto numa estrada, numa cidade, toma milhares de decisões de uma precisão incrível. Agora, se pedirmos a ele: explique o que você fez. Claro que ele não saberá explicar. Mas o que ele fez ali é conhecimento verdadeiro. E esse conhecimento verdadeiro se expressa na adequação entre a atitude dele e a realidade. Então esse sujeito, quando faz isso, *está* na verdade. Claro que o exemplo que eu estou dando é da esfera pragmática, mas na esfera cognitiva mais alta você pode fazer exatamente a mesma coisa; você pode estar na verdade. Espero que isso responda à pergunta que o rapaz fez no começo da aula.

Além do mais, você não tem de se preocupar com a prova, porque na maior parte dos casos basta contar o que aconteceu, e as coisas se elucidam por si mesmas. Repare que a prova transpõe o fato: todo fato transcorre no tempo, e toda prova transpõe esse acontecimento temporal para uma esfera atemporal de relações lógicas, estruturais. A lógica nunca diz respeito aos fatos; ela só diz respeito a esquemas de possibilidades. Então você transpõe a coisa da linguagem da realidade para a linguagem das possibilidades, para provar que tal coisa aconteceu porque não havia possibilidade do contrário – havia uma necessidade lógica que forçava a coisa assim, assim, assim. Muito bem. Mas esse esquema da possibilidade não é a realidade; ele é um esquema de ordem metafísica. Toda prova, na realidade, está encaixando uma coisa da realidade física dentro de um esquema metafísico. Você nunca pode ter certeza de que

esse encaixe é perfeito, mas você tem certeza de que as coisas aconteceram como você as viu. É a prova que tem de se adequar à percepção, e não o contrário.

Há casos em que o sujeito obtém uma prova elegante, boa, como a crítica de Edmund Husserl ao psicologismo, que ele faz no começo da *Introdução às Investigações Lógicas* – eu acho uma das provas mais bonitas que alguém já fez de alguma coisa. Mas ele conseguiu fazer essa prova por quê? Porque ele percebeu as coisas como eram. Quando a coisa é percebida, então milhares de provas já estão ali embutidas. Com um pouco de paciência, você as desenvolve, se quiser. Às vezes você não consegue provar na hora aquilo que é verdadeiro, mas a prova acaba aparecendo depois – e aparece em uma profusão incrível, porque, se a coisa é verdade mesmo, ela pode ser provada desde mil lados diferentes (como Edmund Husserl provou a falácia do psicologismo). A falácia do psicologismo é achar que as leis da lógica são determinadas pelas leis psicológicas do nosso pensamento. Isso realmente não é assim. Husserl teve a paciência de tentar provar isso sob todos os aspectos possíveis. Leva duzentas páginas (a introdução é maior que o livro) só para provar que o psicologismo é uma falácia por esse lado, e esse lado, e esse lado... É uma coisa absolutamente incrível o que ele faz ali. Mas por que ele fez isso? Por bondade. Você pode provar isso com duas palavras ou com duas mil palavras, conforme você queira.

Aluno: [Os alunos do chat pediram para o professor ler o seguinte tópico do fórum:] Sempre que reflito sobre meus próprios raciocínios, tenho a impressão de que sou capaz de raciocinar sobre a realidade, e que maioria desses raciocínios de fato operam sobre dados da realidade. Mesmo quando elaboro um raciocínio sobre entes puramente abstratos, digamos, ao tentar provar um teorema de álgebra linear, tenho consciência de estar raciocinando por abstrações, nunca tomando por real aquilo que é puramente lógico. Não obstante, na aula do seminário de filosofia realizada no dia 25/01/2003, o professor Olavo expõe uma teoria segundo a qual a dificuldade de estabelecer uma ligação entre raciocínio lógico e realidade é enorme, de tal modo que somente grandes filósofos como Platão e Aristóteles conseguiram fazê-lo. Continuando, Olavo diz que a lógica cria uma ilusão muito grande de que estamos dominando o assunto.

Olavo: É exatamente o que estou dizendo. Esta aula aqui explica por que isso acontece.

Aluno: Posto que minha inteligência é infinitamente menor do que a dos grandes filósofos, só posso concluir que, embora eu tenha a sensação de raciocinar sobre a realidade, isso não passa de mera ilusão. Ou seja, na maioria das vezes em que raciocino, o faço dentro do próprio domínio da lógica.

Olavo: Não é isso, não. Veja, você *tem* o conhecimento efetivo da realidade, e os seus raciocínios estão se referindo a esse conhecimento, sendo validados por ele. Não é o raciocínio que valida isso. Uma coisa é a dificuldade de você conectar raciocínio lógico e realidade em si mesmos. Outra coisa é o indivíduo concreto raciocinar sobre a realidade (e ele está raciocinando mesmo). Ele o

faz por quê? Porque ele tem o conhecimento da realidade. Quando eu digo que a conexão entre raciocínio lógico e realidade é um problema, é um problema de ordem teorética. É um problema de ordem científica, por assim dizer. Não é um problema concreto do indivíduo que está raciocinando sobre a realidade. Não é um problema individual do Silvio Grimaldo, que é quem fez a pergunta. O Silvio não tem essa dificuldade, como ninguém tem essa dificuldade, e por quê? Porque todo mundo tem o conhecimento da realidade e baliza os seus raciocínios por ela. Agora, teoricamente considerando as duas modalidades de conhecimento, como nós fizemos aqui no caso do baralho: a conclusão que você tirou após a décima carta e a conclusão que você tirou após a octogésima – como você vai conectar uma coisa com a outra? Você só pode conectar uma coisa com a outra graças à primeira, não graças à segunda. Quer dizer, a primeira é a base da segunda, e não o contrário. O conhecimento da realidade é a base dos raciocínios. É por isso que você raciocina sobre a realidade; o seu raciocínio está sempre condicionado a uma coisa que o transcende, e que já é anterior, que é o conhecimento da realidade.

Agora, se você colocar teoricamente o problema de por que uma prova é válida na realidade, você encontrou um dos maiores problemas da filosofia universal. Toda a lógica é uma estrutura de relações possíveis (ela não tem nada a ver com realidade), tanto que ela pode ser toda expressa através de sinais. A lógica expressa relações entre conceitos, e esses conceitos, por sua vez, são (entre aspas) obtidos da realidade. Mas como eles são obtidos da realidade? Por abstração. E como é que você opera a abstração? Aí não é um processo lógico; é um processo intuitivo de você captar a forma inteligível. A lógica por si não valida nada. Ela é que tem de ser validada pela percepção intuitiva das formas inteligíveis.

Aluno: (...) Em particular, ao raciocinar sobre essa própria teoria do professor Olavo, eu não teria a capacidade de dizer se ela é real ou se trata apenas de lógica vazia. Supondo que a teoria seja verdadeira (e eu acredito que de fato seja), ao acompanhar a concatenação do silogismo que ele apresenta, eu estaria raciocinando sobre a realidade.

Olavo: Mas aí tem um engano: eu não estou apresentando uma sequência de raciocínios; eu estou contando uma história (ou contando, ou descrevendo). Eu não estou provando teoria nenhuma.

Na verdade, a palavra teoria tem um significado duplo. Em grego, ela significa duas coisas: de um lado, visão, aquilo que você viu – então ela é expressão da visão inteligível que você teve. Por outro lado, também significa uma fila, uma sequência, como um cordão que tem uma série de nozinhos. A palavra teoria até hoje tem essa dupla acepção: ela é uma visão da realidade, ou ela é um encadeamento de raciocínios.

Eu pretendo que a minha teoria seja teoria no primeiro sentido, porque, para transformar isso **[02:40]** em um encadeamento de raciocínios e dar a prova, eu levara mil vidas e não terminaria. Então, o que estou fazendo? Estou dando uma visão da realidade tal como ela me apareceu. Muitas vezes, a estrutura lógica do raciocínio é a ferramenta, o instrumento representativo mais perfeito

para expor a conexão entre as formas inteligíveis, tal como você as percebeu. Mas notem bem: isso é válido não porque seja lógico – não porque o raciocínio seja logicamente coeso e esteja provado –, mas porque a estrutura do raciocínio *imita* a conexão entre as formas inteligíveis percebidas.

A maior parte dos leitores vai encarar de maneira pervertida e achar que eu estou tentando provar alguma coisa. Não estou tentado provar nada, estou só descrevendo. Apenas usei o instrumento lógico como instrumento descritivo, porque a lógica, por ser uma arte muito aprimorada, tem todas as sutilezas necessárias para a exposição de uma visão intelectual. Mas, ainda assim, a estrutura do raciocínio lógico continua sendo uma coisa diferente da visão. Eu ofereço o raciocínio lógico como um *símbolo* da visão, e ele só funciona se você captar o que está sendo simbolizado por trás dele. Agora, se você se ativer ao raciocínio lógico e começar a discutir o próprio raciocínio lógico, você foi parar longe.

Por exemplo, São Tomás de Aquino é um autor que parece estar provando tudo logicamente, passo a passo. Parece que objetivo dele é a teoria, no sentido da fileira de raciocínios. Só que, quando você lê uma boa parte e encara aquele raciocínio, já não como sequência, mas como estrutura simultânea, daí você tem um outro entendimento de São Tomás de Aquino. Você então vê que aquela ordem lógica não vale por si; ela vale como símbolo de estruturas do mundo espiritual que ele percebeu. É como diz Hugo de São Vitor: pensar, meditar e contemplar. O que é pensar? É transitar de uma idéia à outra. Meditar é o contrário: é rastrear a origem de uma idéia até o seu fundamento. A meditação não prova nada. Meditar é como esse exercício que eu dei para vocês, de ler um parágrafo bem devargarzinho e tentar complementá-lo com experiência – isso é meditação. Você está pegando uma idéia, uma afirmação, e perguntando: “De onde saiu isso? Qual é o fundamento existencial, real, disso?” Isso é meditação. E o que é contemplar? É tomar uma seqüência de meditações que você teve e as observar todas como um conjunto.

Na leitura de São Tomás de Aquino você pode passar por essas três fases. Quando você chega à terceira e observa a estrutura inteira daquilo, você percebe que, se São Tomás fosse perceber tudo aquilo passo por passo, como está exposto na lógica, ele levaria dez mil anos. Ele percebeu aquelas razões todas simultaneamente e as transpôs em uma linguagem que simula uma demonstração lógica. São Tomás de Aquino não é burro para pensar que uma demonstração lógica vale por si. A lógica é apenas um simbolismo como qualquer outro. Se ele fosse um arquiteto, ele pegaria tudo aquilo que ele percebeu e transformaria na estrutura de uma catedral. Como a habilidade dele não é desenhar, mas é falar, ele faz uma catedral com sequências de argumentos lógicos – que não estão provando nada, estão apenas criando uma estrutura imaginária para que você perceba por trás o universo espiritual do qual ele está falando. Agora, muita gente lê São Tomás de Aquino só no sentido linear. Aí não se entende nada mesmo. O que São Tomás está transmitindo ali, simbolicamente, é uma coisa tão grande, que a linguagem humana não poderia alcançar. É uma coisa que pode ser *vista*: qualquer um pode ver, qualquer um que leia São Tomás de Aquino com bastante tempo, e com sinceridade, acaba percebendo essas estruturas que ele captou num relance.

Você pega algo disso – mesmo que não pegue a coisa inteira, você pega um pedaço. Mas, se você começar a ler parte por parte, começar a discutir parte por parte, e querer a demonstração lógica parte por parte, você nunca vai terminar. E o pior: você perdeu o melhor da história. Nunca esqueça o seguinte: lógica é apenas um simbolismo entre outros. Conhecimento da realidade é conhecimento *da realidade*: algo que se passa entre um ser humano vivo, real, presente, e uma situação real presente – seja a situação de ordem material ou de ordem espiritual. O sujeito tem de estar *presente* ali. Só neste momento é que há conhecimento efetivo. Este acontecimento deixa um impacto na alma, a amplia e enriquece, então ela passa a ter esse conhecimento – que fica onde? Na sua memória, e se incorpora na sua maneira de ser, nas suas reações seguintes etc. Isto é conhecimento. Discussão e prova já não é mais conhecimento, é outra coisa. É especulação de símbolos. Mas símbolos do quê? Se não tiver um "do quê", não tem conhecimento nenhum. Agora, o sonho de todo mundo é o seguinte: você ter um conhecimento tão certo, tão certo, que você possa provar para todo mundo e todo mundo terá de dizer "amém". Mas nem Deus tem isso! Deus conseguiu alguma vez formular alguma verdade divina a que todo mundo tivesse de dizer "amém"? Ele não conseguiu, por que você vai conseguir? Então, essa é a limitação da condição humana, ou seja, eu posso perceber as verdades mais profundas, universais e verdadeiras, e ninguém vai ser obrigado a concordar comigo. Esta humildade é que nós temos que ter. E você aceitar isto aqui: "Olha, eu estou sabendo verdades fundamentais, mas qualquer Zé Mané pode duvidar do que estou falando." Mas esta é nossa situação real! Agora, ou você quer o conhecimento, ou você quer o respeito e a concordância de todos os Zés Manés. Se você quer o respeito e a concordância de todos os Zés Manés, então é melhor você fazer um curso de programação neurolinguística e enganar todos eles, todos eles dirão "amém" a uma coisa que eles não compreendem, que não sabem, mas, por via das dúvidas, vão aceitar.

Entendeu, Sílvio [que fez a pergunta]? O problema não é a relação que existe *na realidade da sua experiência* entre o *seu raciocínio* e a *sua compreensão da realidade*. Não, aí não há problema, porque você *tem* o conhecimento da realidade, e *ele* garante a conexão do raciocínio lógico com ele. O problema é o problema teorético da relação entre lógica e realidade. Então, se você achou que tinha um problema – "Como é que vou conectar os meus pensamentos lógicos com a realidade?" –, você está perdendo seu tempo, porque eles já estão conectados. No caso das cartas, a validade da conclusão que você tira após a 80ª carta é garantida pelo que você já percebeu após a 10ª carta. Se não tivesse percebido isso, se não tivesse tido a primeira modalidade de conhecimento, jamais teria a segunda.

Aluno: Eu tenho a experiência de alguma explicação sua e imediatamente percebo: "Tá, isso é verdade e não pode ser de outra maneira." Essa percepção... eu também não consigo, se alguém me pergunta para explicar a sua aula, eu não consigo. Eu não sei dizer a mesma coisa que você disse, mas eu percebi que aquilo é verdade. **[2:50]** *Essa percepção é também conhecimento como o do suor na própria mão?*

Olavo: É o que eu estou tentando transmitir: eu tento transmitir uma impressão

genuína, de tal modo que o ouvinte reconheça aquilo na sua própria experiência. Eu não estou dando uma prova, e você também não vai ter a prova. Há apenas o quê? O intercâmbio da sinceridade. Eu estou dizendo as coisas como eu realmente as vi e você também pode ver. O que eu estou tentando passar é uma impressão da realidade, uma impressão genuína. Se o sujeito que me ouve está antenado na percepção da realidade, ele vai perceber o que estou falando, mas, se ele está antenado no discurso, ele vai discutir o discurso, e exigir provas, e fazer uma confusão medonha. Muitas pessoas fazem isso, claro, de boa intenção, porque surge o automatismo da mente, que cria uma objeção lógica àquilo. Então a gente tem de desfazer aquela objeção lógica. Mas desfazer uma objeção lógica é uma coisa; provar é outra. Na hora que você desfaz uma objeção lógica, você não provou positivamente o que você está falando – você só provou a invalidade de uma objeção. É um procedimento dialético, e não lógico.

Aluno: (...) Então quando eu vivenciar a mesma experiência que você teve, aí é que eu vou ter o conhecimento?

Olavo: Não, você pode ter na mesma hora. Se, enquanto estou contando os fatos, você os percebe, e você percebe que a minha descrição corresponde exatamente ao que você está vendo, então você teve a mesma experiência imaginária, e pode confirmar o que estou dizendo. Mas note bem, nenhum de nós tem uma prova disto. Não temos e não precisamos de prova. Porém, se você precisa da prova, o resto da sua vida oferecerá provas a respeito disso. Só que a prova demora um pouco. Nós podemos deixar as provas para depois. Elas virão com o tempo. Quando você realmente precisar delas, elas virão. Mas note que existe, na mente, um mecanismo de buscar contradições na linguagem para não perceber a coerência da realidade. Se você se deixa arrastar por isso, você termina como o Giordano Bruno falou, você não vai acreditar sequer na sua própria existência. Isso é grave, é patologia. Descartes falou: “Deve-se duvidar de tudo”, mas ora, a coisa mais fácil é duvidar de tudo. Isso não é um método. Isso é apenas uma tendência maligna da inteligência humana. É o diabo propriamente dito. O diabo interpõe uma dúvida entre o seu pensamento e a sua percepção, então daí você mesmo se torna o seu demônio, que exige de você a prova daquilo que você está vendo, mas você não pode dar a prova. Aí você entrou na síndrome do Piu-Piu: “Será que eu vi um gatinho?” Mas, meu saco, só você pode me informar se viu um gatinho ou não! Você vem perguntar para mim se você viu um gatinho? Tá, eu vi um gatinho, mas eu não tenho prova de que eu vi um gatinho, pronto, estou aí com um problema: agora eu acredito em mim, ou acredito na minha dúvida? Isso é totalmente paralisante. Muito do que hoje se entende por educação consiste apenas em inocular a síndrome do Piu-Piu na cabeça dos coitados. Esse negócio da dúvida universal, por um lado ela é impossível e por outro lado ela é inevitável. Ela é impossível porque você não pode duvidar de tudo ao mesmo tempo. Mas você pode ir duvidando de tudo que lhe apareça em sequência, até o ponto em que você não tem mais certeza de que você está sentado aí onde você está e de que você é você mesmo, e daí você não pode fazer mais nada. Tudo isso vem da idealização do culto idolátrico da prova. A prova só é necessária quando não há evidência, e a validade da prova depende da evidência. Eu repito a explicação: o que é uma prova? É uma sequência

silogística na qual, de duas proposições, decorre uma terceira, que é, por sua vez, usada como premissa de uma outra, e assim por diante. É a cadeia demonstrativa, a cadeia silogística. Os elos dessa cadeia só se conectam intuitivamente. Se você percebe que aquilo que você predicou de uma espécie se aplica a cada um de seus membros, como é que você percebe isso? É por lógica? Prove que as determinações do gênero estão em cada uma das suas espécies, e que a determinação das suas espécies estão em cada um dos seus indivíduos. Prove isto. Vai demorar muito! Então, a validade da lógica depende da nossa capacidade de perceber evidências. Se nós rejeitamos a evidência e queremos em lugar dela uma prova, aí você está fazendo como aquele desenho do Escher, em que o sujeito está se desenhando a si mesmo. Aqueles desenhos são uma coisa altissimamente pedagógica, porque mostra exatamente a maneira como muitas pessoas pensam. Só que esse raciocínio é psicótico. O que é o raciocínio psicótico? É aquele que se fecha à realidade vivida e só acredita nas suas próprias estruturas, que o sujeito mesmo criou. É você só acreditar no mundo que você inventou. Muito do que hoje se chama "educação" consiste em deixar os fulanos esquizofrênicos. Então, você prefere a escola pública ou a privada? Bom, se é para ficar maluco, é melhor ficar de graça, né? Pagar para isso é o fim da picada, então eu prefiro escola pública. Se é para aprender besteira mesmo... Se é para sair de lá todo deformado, todo idiota, se é para me idiotizar, eu prefiro não pagar nada.

Aluno: Essa aula poderia ser resumida nas últimas palavras de São Tomás de Aquino: "tudo que escrevi é palha"?

Olavo: De certo modo, sim. O que ele estava tentando fazer a vida inteira é criar símbolos que permitissem aos seus leitores e alunos vislumbrar aquilo que ele tinha vislumbrado, mas chegou uma hora em que ele falou: "Ah, minha fábrica de símbolos não consegue acompanhar, porque a realidade é maior!" Ele é um bem-aventurado! Ele jamais se fechou dentro do universo de símbolos que ele mesmo tinha criado.

Aluno: (...) Dentro das concepções expostas hoje, qual é a diferença entre "verdade" e "realidade"?

Olavo: Bom, essa diferença é mais ou menos convencional. Realidade são os dados e verdade é aquilo que nós pensamos a respeito deles. Releia aquela apostila "O problema da verdade e a verdade do problema." Aristóteles dizia que só existe verdade no pensamento, verdade no juízo. Mas eu acredito antes que, se existem as formas inteligíveis nas coisas, é porque elas têm nexos inteligíveis entre si, e isto é a verdade das coisas. É a verdade da realidade. Então uma coisa são os dados – os dados podem parecer para você caóticos, você não os conecta. Mas, em certos momentos, eles podem lhe mostrar as conexões internas deles, como no exemplo **[3:00]** do sujeito que está avançando para você com uma cara de ferocidade e a uma faca na mão. A lógica da situação está auto-evidente, está se mostrando para você, e você não teve tempo de pensar, de representar: "Ah, deixa eu pensar aqui para ver o que está acontecendo..." Você percebe a conexão na própria situação. Não que o negócio do Aristóteles esteja errado. Do ponto de vista *lógico*, só existe verdade no juízo, sim. Mas e o juízo que não foi pensado por mim, mas que

está afirmado nos próprios dados? O sujeito que está avançando com uma faca está *dizendo* para mim: “Eu vou te matar.” Não sou eu que estou pensando isso, esse juízo vem dado na própria estrutura da situação, e ele se evidencia. Inúmeras vezes você percebe isso na realidade, não precisa ser uma situação trágica. Às vezes uma mulher que está se engraçando para cima de você. Você não percebe? Ela está *dizendo* para você: “Eu quero você.” Não é você que está pensando: “Peraí, eu vou para casa fazer um raciocínio, pensar, e volto...” Se você fizer isso, bom, ela já deu pro outro, pronto... Então, nessas situações, quando você percebe a coisa como ela está, como ela é, imediatamente, aí é que existe uma verdade na situação, porque existe um juízo na situação. O que é um juízo? É uma conexão lógica. Não uma conexão lógica entre conceitos, mas entre coisas, entre as várias formas inteligíveis dos vários objetos que se mostram a você.

Aluna: Sou cristã, católica praticante. Passei a entender melhor o Cristianismo através das obras de Schuon, as quais li todas. (...)

Olavo: O Schuon tem páginas absolutamente magistrais a respeito do Cristianismo e a respeito de todas as religiões. Jamais neguei o talento extraordinário desse homem. O único problema é que ele achava que era um papa de todas as religiões e que ele mandava no mundo. Quer dizer, ele era um homem grande, mas achou que era maior ainda.

Aluna: (...) Lembro de uma bela explicação da oração do pai-nosso, que lamentavelmente não ouvi de nenhum padre ou mesmo bispo. Dessa forma, como imputar-lhe divulgador do Islam no Ocidente se através do Schuon incrementei minha fé cristã?

Olavo: Ora, mas para mim o Schuon teve o mesmo efeito! Jamais neguei isso aí. O problema é que o Schuon aceitava aquela divisão do Guenón entre exoterismo, a religião para todos, e o esoterismo, a compreensão mais profunda; acreditava que somente o Islam tem um exoterismo autêntico e que, portanto, através do Cristianismo, você chegaria ao esoterismo islâmico. E isso é 100% falso. Mas a compreensão que ele tinha do Cristianismo era de fato uma coisa maravilhosa. O Schuon não era um filósofo; ele pretendia ser um mestre espiritual, alguém que iria guiar as pessoas no seu caminho espiritual. Mas eu vi, no Schuon, tantos sinais de falta de discernimento psicológico elementar para lidar com as situações da vida, que eu concluí: olha, ele era sem dúvida um grande filósofo, mas não era um mestre espiritual. De jeito nenhum. Em hipótese alguma. Então, enquanto filósofo, podemos aproveitar muita coisa do Schuon, ele tem um certo tipo de talento, mas ficou com mania de grandeza. Como diria o Nelson Rodrigues, “o fracasso subiu-lhe à cabeça”. Então eu seria o último a negar essas qualidades imensas, tanto do Guenón quanto do Schuon, de maneira alguma. Agora, a gente precisa aprender que as pessoas não são nem Deus e nem o Diabo, são seres humanos. Você precisa ver qual é a proposta integral do sujeito, o que ele está tentando fazer. Você ler um cara como Guenón, como Schuon, ou um filósofo qualquer, e ver o que ele está tentando fazer. Compare o que o Schuon está tentando fazer com o que eu estou tentando fazer. O Schuon se colocava como um mestre espiritual, alguém que dirigia a vida dos discípulos em todos os setores. Ele dizia até

quantos cigarros você pode fumar por dia. “Só pode fumar 8.” Imagine como eu sofria ali dentro. E dizia qual era o estilo que você podia mobiliar a sua casa. A que atividades econômicas você pode se dedicar ou não. Que tipo de filmes você poderia ver e quais eram proibidos, ele fazia tudo isso... Ele não se colocava como um filósofo, mas como um diretor espiritual, com uma autoridade muito maior do que a de qualquer diretor espiritual. Então, como a proposta dele era esta, você tem de julgar essa proposta de acordo com o plano e as pretensões dele, que não são as minhas absolutamente. Aqui eu não dou conselho para ninguém a não ser que o sujeito me peça e insista muito, e, mesmo assim, eu digo: “Olha, eu não sei direito. Deve ser mais ou menos assim.” Quer dizer, eu não sou um mestre espiritual, eu sou um filósofo, estou tentando esclarecer a sua inteligência. Não estou tentando dizer como você deve viver todos os detalhes da sua vida, eu não sei, às vezes eu não sei o que fazer com a minha! Às vezes eu não sei ensinar o meu cachorro, o que ele deve fazer, como é que eu vou ensinar você? As minhas pretensões são muito menores que as dele e, por isto mesmo, eu estou trabalhando numa área onde tenho muito mais segurança e muito mais confiabilidade que a dele, porque o que eu estou exigindo de vocês é muito menos do que ele exigia. Para ser um discípulo do Schuon, você tinha de prestar um juramento de obediência integral para o resto da sua vida. Eu aqui exigi apenas o juramento de você ficar aqui até o fim do curso. E é só isto. Então, de tudo o que eu conheci do Schuon, dá para algumas coisas maravilhosas, que podem fazer muito bem para você, que pode lhe esclarecer. Qualquer que seja a sua origem religiosa, ele ajuda a esclarecer, porque ele de fato compreendia isso. Agora, se você entrasse na organização dele e fosse ser discípulo dele... Você não queira saber! Você nem queira saber como terminou aquilo. O negócio virou uma baixaria indescritível. Então, às vezes eu me pergunto: mas de onde ele tirou essa mania de mestre espiritual? Se era um filósofo tão bom, se compreendia tão bem essas coisas, para quê querer ser mais? Eu não sei de onde ele tirou isso, sei lá. O Diabo soprou isso na orelha dele.

Aluno: Na sua última aula do curso de filosofia você tornou a falar de Guenón e de Schuon como propagadores do Islam no Ocidente.

Olavo: Vamos esclarecer: esses dois camaradas eram membros de uma tarica. Tarica é uma organização esotérica islâmica. A tarica tem uma função no Ocidente, e eles vieram aqui para fazer isto. Se eles não dissessem uma palavra sobre o Islam, não faria a menor diferença. Você não vai poder entender isso o que eu estou dizendo a partir da obra escrita dos caras. Não dá para entender isso. Você precisa entender o que é uma tarica, como funciona, e eles não vão contar isso para você. Isso você precisa obter de outras fontes. Ou por outras leituras, ou por investigação, ou por experiência pessoal. Aí é que você vai entender o que eles estão fazendo.

Aluno: (...) Quase tudo que li desses autores, além de outros autores da linha similar, como (3 autores, inaudível) ***[3:09:26]****, pelo que percebi analisando essas outras obras, pouco falaram do Islam.*

Olavo: Sim, claro que pouco falaram do próprio Islam. Uma vez o Martin Lings, que era o segundo no comando da organização do Schuon, me convidou para

assistir a um encontro de religiões comparadas que eles iriam realizar no Peru. Então eu chego lá no Peru, num hotel chiquíssimo, tem lá vários eruditos, representantes das várias religiões. [3:10] Tinha um cara ortodoxo, um cara budista, um cara judeu, um muçulmano, um católico, um protestante etc. Então cada um analisou diversas questões desde o ponto de vista da sua própria religião. Daí depois me convidou: “Olha, hoje nós vamos ter um encontro, um margilis [3:10:27]. (Margilis é uma sessão de rituais da tarica.) Se você quiser ver...” Na época ele tava me atraindo para a tarica. “Se você quiser assistir, você vai lá.” Então eu fui lá para assistir, só que, quando eu cheguei lá, todos aqueles caras eram membros da tarica. Então tinha um sheik muçulmano dirigindo cada um e, naturalmente, sutilmente, dirigindo a vida espiritual de cada um daqueles budistas, cristãos etc, para fazer do Islam a “chave de abóboda”. Você tem todas as religiões na própria perspectiva islâmica. Você vê: houve 14.000 profetas segundo o Corão. Todos eles fazem parte da história progressiva da revelação que culmina no Islam. Então o Islam não desmente as revelações anteriores, mas ela as completa e é o fecho de abóboda. O que que estavam fazendo o Schuon e o Guenón? Exatamente isso. Eles dão o fecho de abóbada, e o fecho de abóboda não desmente nem destrói as pedras da construção. Apenas coloca uma cúpula acima delas. Então, tem muito daqueles caras que nunca falaram uma palavra de Islam. Tem caras ali que são padres católicos. Outro que é rabino. Só que você pega a religião inteira deles, é um elemento dentro da macro-estrutura do esoterismo islâmico, que exerce uma autoridade sobre todos eles. Você pode ler a obra do Schuon inteirinha que você nunca vai perceber isso. E a obra do Guenón também. Você para entender isso você precisa entender o que é uma tarica, como funciona, e como é que o esoterismo islâmico encara as demais religiões: como elementos materiais com os quais ele se constrói. São as etapas progressivas da revelação.

Aluno: (...): A rigor, de Guenón, só não me tornei um hindu porque não sou filho de um nem nasci lá.

Olavo: De fato, a maior parte do que o Guenón explica, ele explica com a linguagem da metafísica hindu. Mas ele mesmo diz que você não pode se converter ao hinduísmo, ou você nasce ou não é. Certamente não é para lá que ele está querendo te levar.

Aluno: (...) Como conciliar isso com a tentativa de divulgar o Islam?

Olavo: Quem falou em divulgar o Islam? Eles estão tentando impor o Islam como suprema autoridade religiosa. Então você acha que os caras que são mestres espirituais vão lá se dedicar a divulgar alguma coisa? Como divulgar? Divulgar é serviço para office-boy. Eles estão assumindo o comando do processo. Então não se iluda com essas maravilhas que eles escrevem sobre as várias religiões. Você pode aproveitar isso, claro, e eles vão mostrar um conhecimento muito profundo. Só que todas as religiões são pedras do grande edifício do esoterismo islâmico. Então há aí uma espécie de transferência de autoridade espiritual. Transferência do eixo espiritual. Se você é um católico, então o eixo é Jesus Cristo. Jesus Cristo, a Igreja, o Papa, o clero etc. Agora, se você entra na organização do Schuon, você se coloca sob o guiamento

espiritual dele? Não, então tem um eixo superior que abrange tudo isso. Não deforma nenhum dos elementos, eles permanecem intactos. Intactos e até conhecidos de uma maneira eminentemente translúcida. Tanto que o Schuon às vezes era capaz de explicar pontos de doutrina cristã melhor do que qualquer teólogo cristão ou do judaico melhor do que qualquer rabino. Há autores lá, por exemplo, um autor chamado Leo Schaya, um judeu, que escreveu livros incríveis sobre o judaísmo, absolutamente incríveis! Quem é o Leo Schaya? É um discípulo do Schuon. Então, todo aquele judaísmo dele está todo inserido dentro da estrutura do esoterismo islâmico, que é a chave de abóboda. Na hora em que você fez isso, você engoliu uma civilização inteira! Eles não estavam divulgando o Islam, eles estavam tomando o Ocidente por cima, pela sua mais alta elite intelectual. Não tem nada a ver com divulgação, e é por isso mesmo que eles não precisam falar nenhuma palavra de Islam.

Eu conheci um sujeito que era teólogo católico conservador. Era um membro da tarica, discípulo do Schuon. Todo aquele catolicismo dele se inseria dentro de uma estrutura maior, que não o desnaturava, não o deformava, não o desfigurava, o mantinha intacto, só que o colocava sob outra autoridade. É uma operação de uma sutileza enorme e, sem isto, toda emigração islâmica e todo terrorismo islâmico não conseguiriam nada, nada, nada, porque eles vieram pelo lado da superioridade intelectual – superioridade intelectual monstruosa.

Logo depois que eu estudei tudo isto eu falei: “Não, eu não quero.” Porque eu acho que é o contrário: acho que tudo isso que vocês estão fazendo é Jesus Cristo que está ensinando. Se tiver alguma validade, foi Jesus Cristo que deu. Tudo isso que eles falam é no plano das doutrinas e das práticas. Doutrinas e práticas são todas criações humanas, por geniais que sejam. E tem um elemento que não entra em tudo isso, que é a própria interferência de Deus no processo. Essa interferência você vê, por exemplo, no milagre de Fátima: isso é uma interferência de Deus. Então eu digo: “No plano doutrinal, teórico, das doutrinas esotéricas, tudo o que você está falando está certo, mas onde está Deus? Ele não fala nada? Ele não age? Ele só existe através de vocês? Ele não pode dar um 'palpite' por conta própria?” Foi isso que no fim das contas me fez ver a precariedade de todo este imenso e belíssimo edifício que eles construíram.

Veja, eu tomei conhecimento do Padre Pio através de um sujeito que era membro de uma tarica, que era o Marco Pallis – se bem que o Marco Pallis se afastou da tarica, brigou com eles e não tem nada mais a ver com isso. Mas a primeira vez que vi sobre o Padre Pio foi em um dos livros do Marco Pallis, não me lembro qual. Eu fui me interessar para ver quem é o Padre Pio. No caso do Padre Pio, ali não se trata de doutrina, de práticas espirituais, mas de uma interferência direta e brutal de Deus na ordem física. Quando aparece aquela menina que não tinha pupilas, o sujeito faz a menina enxergar sem pupilas! O que é o Schuon perto disso? É nada! É apenas um filósofo que nem eu, pô. Então, eu tenho minhas idéias, o Schuon tem as dele, mas espere aí: tem um “cidadão” aí chamado Deus e Ele vem e interfere e faz umas coisas que nós não podemos fazer! Então, foi a partir daí que eu tive que ver essa evidência máxima. A pessoa fica procurando muito religião, doutrinas religiosas,

doutrinas esotéricas etc. Tudo isso é muito bonito, mas... e Deus? Uma vez o Bruno Tolentino falou para mim: “É, mas se você está no meio do deserto e o pneu do seu carro fura, você não vai pedir para Deus encher o pneu do carro”. Eu falei: “Como não? Que raio de Deus é esse que nem enche meu pneu?” Se Deus não sabe encher pneu eu não quero mais conversa com ele, ora! **[03:20]** Todo esse pessoal das taricas, do esoterismo etc., eu não vi jamais um deles pedir uma interferência efetiva de Deus em nenhuma situação, e muito menos obtê-la. Mas eu vi outras pessoas fazerem isso. Então, esses sujeitos gostam muito de esoterismo, mas eles não acreditam em Deus, eles só acreditam em doutrinas.

O Guénon vivia doente o tempo todo. Mas por que ele não pedia para Deus curá-lo? Se eu fico doente, eu peço e Deus me cura. Então, está faltando alguma coisa aí, não é? Tudo isso é muito bonito. Olha, eu estudei essa coisa durante vinte anos. Eu li tudo que essa gente escreveu. Eu li cada linha do Guénon, cada linha do Schuon, cada linha do Evola. Tudo, tudo, tudo. Quer dizer: está faltando algo aí. É como o negócio da estátua. Desde o início eu tinha essa impressão: tem algo errado. Está faltando alguma coisa. Está faltando o quê? A substância da presença da ação divina: não há, não há. E isto é uma operação de estratégia, de guerra civilizacional de altíssimo nível, muito acima desse negócio de divulgação, de política etc. Eles estão tentando açambarcar intelectualmente o Ocidente e colocá-lo todo sob um outro eixo, que é o Islam. Eu digo, “Ah, está bem fazer isso, mas e Deus? O que Ele diz?” Então eu vi que estava faltando algo. Veja que o Padre Pio não estava fazendo nada disso. O sujeito chegava lá para se confessar e nem precisava abrir a boca, ele sabia: “Ah, os seus pecados são esse, mais esse, mais esse...”. (Queria eu encontrar o Padre Pio, porque eu tenho de lembrar os meus pecados e não consigo. Com ele não precisava, ele sabia tudo. Meus pecados são tantos que não dá para lembrar, então eu preciso do Padre Pio mesmo. Preciso pedir perdão pelos pecados que eu sei e os que eu não sei.) Agora, eu queria ver o Schuon fazer isso. Ou o Guénon. Eles não tinham o verdadeiro poder espiritual. Eles não eram emissários de Deus. Eram pessoas de altíssimo nível intelectual e até com alguma visão espiritual, não posso negar, mas eles não eram emissários de Deus. Eles não tinham a autoridade do Espírito Santo. Não tinham. Tinham outra coisa, claro: não digo que nunca o Espírito Santo não os tenha inspirados, não posso dizer isso aí. Não sei. Às vezes parece que sim. Mas o poder do Espírito Santo não estava lá. E por isso é que há tantos episódios ruins e feios na vida dessas organizações. Coisa muito feia mesmo. Essa tarica do Schuon, quando alguém criava algum problema para eles, eles faziam um assédio judicial sobre o sujeito. Inventavam um montão de processos para atrapalhar a vida do coitado. Teve um sujeito que saiu de lá tão revoltado que (e aí vamos entrar no “campo das fofocas”) tão revoltado que virou esquerdista. O sujeito é uma mistura de gênio e idiota. Saiu aí fazendo campanha anti-fumo, anti-tudo. Foi pedir meu apoio e eu disse que não. Não estou aí com o Schuon. Tenho lá minhas objeções, mas não vou sair inventando história contra ele. Para quê? Deixe ele lá fazendo o serviço dele. Ele faz o serviço dele e eu faço o meu. Que Deus o proteja e que o perdoe se ele cometeu algum erro. Mas não posso negar uma dívida intelectual com ele. Alguma dívida, não tão grande quanto com Aristóteles, com São Tomás de Aquino, mas alguma eu tenho. Eu não posso cuspir no prato em que comi, ora.

Mas não quer dizer que eu tenha de atribuir ao sujeito uma autoridade que obviamente ele não tem.

Aluno: Caro Prof. Olavo. Hesitei em participar do seu curso. Hoje percebo a burrada fenomenal que teria feito se não tivesse me inscrito.

Olavo: Obrigado.

Aluno: (...) Quanto à imitação de escritores, escolhi Camões, começando pelos sonetos da edição de 1595. Por enquanto estou imitando-o apenas literalmente, lendo com toda atenção os poemas e os transcrevendo, sendo que também os estou memorizando. (...)

Olavo: Isto é fenomenal! Fenomenal! Saber de cor vários poemas vai criando uma espécie de musicalidade interna. Esse era um dos segredos do Bruno Tolentino. O Bruno Tolentino tinha aquela musicalidade extraordinária porque metade da poesia universal ele sabia de cor. Então aquilo era um tesouro de ressonâncias, de evocações etc. e, quando ele escrevia, aquilo tudo aparecia sozinho, era a tradição literária inteira que estava escrevendo pela mão dele.

Aluno: A velocidade da memorização aumenta significativamente de poema para poema. (...)

Olavo: Sim, sim!

Aluno: Além do que a minha sensibilidade inicial ainda está melhorando, sendo que o fato de memorizar me propicia "insights" nas horas mais inusitadas. (...)

Olavo: Mas isso aqui é uma maravilha! Eu sempre digo: a obra literária não é para ser interpretada. É para você interpretar as situações da vida e as outras obras literárias à luz do que ela te passou. Ela é uma chave interpretativa.

Aluno: (...) Eu já havia iniciado o hábito de memorizar poemas por conta da influência da obra de Harold Bloom. Entretanto, depois abandonei esse hábito, coisa que felizmente o senhor reanimou em mim e de quebra com uma proposta mais ampla. Apenas para aproveitar a oportunidade, eu gostaria de fazer algumas perguntas. 1) O fato de que alguém como Harold Bloom, que tanto defende o cânone ocidental de "ismos" da moda acaba por propor um simulacro de [inaudível][03:26:51] *personificado em Shakespeare pode ser articulado e até explicado na relação deste crítico literário gnosticismo? (...)*

Olavo: Certamente. O Harold Bloom foi enfeitiçado pelo gnosticismo e ele ia pelo mesmo problema do Schuon: ele acha que é mais esperto do que ele é verdadeiramente.

Aluno: Salvo engano, parece que ele mesmo se diz gnóstico. Veja esta declaração em que ele cita Emerson: "considero as tradições religiosas como produto de uma época e a criação do universo como uma grande separação: o criador distanciado-se irremediavelmente de suas criaturas". (...)

Olavo: Isso aí é gnosticismo do brabo.

Aluno: 2) Há algumas aulas o senhor comentou que o estudo das religiões comparadas, de certo modo, é uma perda de tempo (...)

Olavo: É mesmo, mas é por coisas que elas te ensinam que as religiões não podem ser comparadas.

Aluno: (...) Concordo inteiramente com o professor nos termos em que essa afirmação foi colocada. No entanto, eu não vejo como, ao menos no meu caso e no de muitos que ainda estão buscando um contato maior com a realidade, não perder um bom tempo nesses estudos.

Olavo: Você tem toda razão, estes estudos não levam a nada mas não tem muito como você escapar deles. O único problema é o seguinte: não se esqueça que existe um Deus. E que esse Deus fala, esse Deus age e Ele não tem nada a ver com as religiões comparadas. Se você perde esta noção, então aquilo tudo vira uma especulação doutrinal sem fim e vira uma espécie de masturbação espiritual, um onanismo espiritual.

Na hora agá: Deus enche o seu pneu ou não? Este é o teste. O resto é conversa mole, porque veja: quando você vê um único milagre, você entende que você nunca vai entender aquilo. Nunca, nunca, nunca na sua vida. Então você entende que ali há uma espécie de um muro onde tem uma passagem objetiva para um outro plano onde você não é mais voz ativa. É uma realidade brutal que se impõe a você. Uma realidade infinita, imensurável, dentro da qual você não pode absolutamente nada, você está numa impotência total. Esta é a verdadeira condição humana, e curiosamente as pessoas morrem de medo dessa experiência.

Eu penso nisso há muito tempo. Quando eu morava em Ubatuba eu tinha um vizinho que era um sujeito maluco. Era um pintor, um sujeito admirável, na verdade. Tinha uma praia lá, chamada Praia Vermelha. Ninguém nadava na Praia Vermelha, que tinha ondas de trinta metros de altura. Mas ele ia. Eu nunca entrei, não sou besta. Mas ele ia e nadava. E o que ele fazia? Ele se deixava e a onda o jogava para cá, jogava para lá, e ele ficava perfeitamente confortável ali no meio.**[03:30]** Esta imagem nunca me saiu da cabeça. Se ele tentasse enfrentar a onda, ele ia morrer. Ele estava numa situação em que não podia fazer nada. Na presença de Deus, nós somos a mesma coisa: você está inteiramente à mercê.

Outra vez também eu fiz a experiência. Tenho um amigo gaguinho chamado Zé Cácio e o gaguinho era muito corajoso, então uma vez ele pegou um barquinho de noite e fomos remando, remando, remando, até que sumiu tudo, não havia mais nada, só tinha escuridão, a gente não enxergava nada, nada. Só sabíamos que o outro estava ali porque ouvíamos a voz, a gente não sabia onde estava a terra, não sabia pra onde ir, não sabia nada. Essa situação também é essa imagem nunca me saiu da cabeça. Perante Deus você está assim, meu filho. Agora, você quer ter a ilusão de que você vai controlar a situação? Se você não sabe realmente estar assim perante Deus, você não entende a verdadeira

estrutura, na verdade o tamanho das coisas. Alguém que faz uma menina enxergar sem pupilas faz um treco que você não pode entender, que você não pode dominar, e você lê aquele negócio que eu escrevi sobre os milagres lá no site do Voegelin View (http://www.voegelinview.com), alguém resumiu o negócio em inglês e está lá. Esses milagres não são só esses acontecimentos vistos atomisticamente só neste aspecto, eles são forma integrais muito complexas onde se reproduz todo o simbolismo da religião católica e que deveriam ser encarados nessa sua totalidade como formas integrais. Quando você começa a ver isso, você entende que existe algo que está para além de você, algo que não é para o ser humano entender, porque ele não vai entender mesmo, e que você só entende realisticamente se se colocar na sua verdadeira dimensão de total impotência, e aceitar isso aí e dizer: “Ah, isso aí é realidade”. Agora, se você quer se refugiar nos seus próprios pensamentos, onde você domina, está bom, é porque você ficou com medo da realidade.

Não é que as pessoas fujam de Deus; elas fogem do tamanho do universo. Essa experiência que eu estou falando do barquinho é uma experiência que muita gente deveria fazer: ali, nada que eu fizer ou deixe de fazer vai mudar nada, nós estamos na mão da Providência Divina e, pior, já estamos nos sentindo perfeitamente bem, como o meu vizinho se sentia bem no alto de uma onda de 30 metros. Isto é a adaptação à realidade, com as suas verdadeiras dimensões. Agora, o temor que as pessoas têm do infinito, do ilimitado, faz com que elas se fechem e criem estruturas e elas pensam que estão protegidas. Isso é o avestruz, a política do avestruz. A impotência humana é permanente, a gente só tem algum poder dentro de uma esfera limitada que os nossos antepassados já prepararam para nós. Você vive numa sociedade que tem leis, onde você sabe mais ou menos como funciona etc., e isto te dá uma ilusão de que você está controlando a situação, mas é uma ilusão que só funciona dentro de uma esfera limitada.

Você ter uma visão da ação, da presença da ação de Deus, ação real, meu Deus do céu! Isso é muito mais importante do que você ter estados místicos, do que você ter visões espirituais e etc. A diferença entre o Deus verdadeiro e o deus desses caras é o seguinte: o deus deles é só espiritual. O Deus de verdade age no mundo físico e é acessível a qualquer imbecil. Você acha que o cego e o paralítico que Jesus curou eram pessoas espiritualmente elevadas? Se você é cego, não enxerga, e de repente começa a enxergar, você precisa ter um alto grau de elevação espiritual pra perceber que aconteceu alguma coisa? Não. Mas essa é a diferença, Deus de verdade age é aí, no mundo físico. Isto é muito mais importante do que tudo o que Schuon e Guénon ensinavam, sem negar a importância do que ele ensinava, sem desvalorizar nada. Schuon é grande mas Deus é maior.

O aluno fala aqui do Francis Collins, do C. S Lewis, fala das aulas que ele teve com o Gugu, mas tudo isso é bom.

Aluno: Como o senhor articula a situação supra doutrinal com posições como a de Orlando Fedeli que, mesmo em declarações sobre o núcleo comum transcendente das tradições, como fiz acima, julgar-me-ia um herege e gnóstico?

Olavo: Olha, um momento. O que quer que seja dito de verdadeiro foi dito por Deus. Qualquer pessoa que diga que 2 + 2 é 4 diz isso com autoridade divina, não há outra fonte. Agora, se o sujeito é budista, é sufi etc. e diz que 2 + 2 é 4, e você rejeita porque ele não é católico, então você é uma besta quadrada. Se você tem amor à verdade, não interessa da onde veio a verdade, você tem de aceitá-la. Agora qual é o fecho da abóbada? É Jesus Cristo. Isto você tem de entender, Ele é o Verbo Divino, não há outro. Isso é uma coisa muito simples e isso pode ser verificado experimentalmente. Eu não estou aqui pregando religião não, eu não faço questão de tirar ninguém de religião nenhuma, minha perspectiva não é religiosa. Muitas pessoas através dos meus cursos se converteram ao cristianismo, mas se converteram porque quiseram, o meu serviço não é converter ninguém, não. Mas tem coisas que eu conto do jeito que as estou vendo, do jeito que elas apareceram pra mim, e acabam ficando evidentes com o tempo. Nós devemos seguir o mandamento do Papa Gregório XIII com relação aos judeus: deixar eles viverem de acordo com as suas tradições ancestrais. Você prega o Evangelho para eles, mas não interfere na vida deles, deixa os caras fazerem do jeito que eles querem. As outras religiões também, você vai fazer do jeito que você quer. Agora, se você perguntar, eu vou dizer como é o Evangelho, e lamento informar, mas eu estou com a razão. Você vai perceber mais dia, menos dia.

O Orlando Fedeli é um cara que só consegue – como outras pessoas iguais a ele – raciocinar no plano doutrinal. Mas doutrina não é tão importante assim. Antes de aparecer qualquer doutrina Deus fez o mundo. O mundo é a realidade, meu Deus do céu! A estrutura da realidade manifesta Deus. Você precisa se abrir para ela da maneira correta, você precisa aceitar, ter esse principio da aceitação da realidade. Se você não tem isso, nunca vai entender essas coisas. As pessoas querem uma doutrina, uma idéia, uma teoria que feche o negócio, mas não precisa, isso é perda de tempo. Realmente não precisa. Você não precisa saber a solução de todos os problemas, você não precisa saber a verdade inteira. Você só precisa saber aquilo que é pertinente à situação e que se colocou existencialmente para você. O que adiantaria uma criatura finita ter um conhecimento infinito? Onde é que você iria colocá-lo? Então você vai ter um conhecimento comproporcionado à sua verdadeira condição humana. Esse conhecimento será infinito na sua validade, mas não na sua extensão. Se o Orlando Fedeli acha que o sujeito é gnóstico, para mim pouco interessa. Eu pretendo usar essas palavras como descrições de fenômenos objetivos, mas o Orlando Fedeli pretende usá-las como parte de um processo judicial no qual eu serei condenado aos infernos ou elevado ao céu, por obra do Orlando Fedeli. O que eu posso fazer?

Se você rejeita verdades porque elas vieram de uma doutrina de uma outra religião, você está pecando contra o Espírito Santo **[03:40]**. Você não pode rejeitar verdade nenhuma, você tem de amá-la. Não é só desejá-la, você tem de amá-la. E não tenha dúvida de que, se essa coisa é verdade, o Verbo Divino está lá, Jesus Cristo está lá, o Logos Divino, não se preocupe.

Aluno: As aulas estão cada vez melhores, muito obrigado por tudo. Tenho uma dúvida de ordem prática. Verifiquei logo de imediato ser necessário adquirir

conhecimento de língua estrangeira para o estudo. Comecei a aprender inglês sozinho, buscando somente aprender a ler, é o que me bastava. Mas vejo também a necessidade de aprender o francês. Minha dúvida é a qual dessas duas línguas eu devo dar preferência.

Olavo: O francês é mais fácil, a estrutura dele é bem parecida com a do português e houve uma influência muito grande na cultura portuguesa e brasileira. Através do francês você tem acesso a praticamente toda a bibliografia universal mais importante. Mas, na esfera dos estudos acadêmicos mais recentes, aí tem de ser o inglês mesmo, porque ainda não deu tempo de traduzir essas coisas para o francês. Então, para a formação geral, o francês; para a atualização com estudos acadêmicos, o inglês. Francês primeiro e inglês logo depois, mas tem de caprichar nos dois. A bibliografia acadêmica em inglês é um dos grandes feitos da humanidade, é um negócio absolutamente impressionante o que eles fizeram. Você tem informação sobre tudo o que quiser. Eu estou fazendo essa pesquisa sobre a mente revolucionária faz anos. Praticamente não há questão (a gente vai buscando a explicação histórica e de repente surgem certos enigmas) para a qual você não encontre resposta em estudos acadêmicos em inglês. É uma verdadeira maravilha.

Aluno: Essa percepção ou cognição que você descreve não é o mesmo fenômeno que leva um ferreiro expert a forjar uma espada temperada e, no entanto, não poder dizer exatamente como é que faz, ou o que faz mas apenas como faz, isso apenas por mostramento, ou seja, fazer/aprender aquilo?

Olavo: É exatamente a mesma coisa. Tem coisa que você pode aprender, mas não pode ensinar. Você pode mostrar, “olha eu estou fazendo assim, assim e assim”. E, como nós todos pertencemos à mesma espécie e temos mais ou menos as mesmas capacidades, aquilo se impregna no sujeito e o sujeito aprende a fazer, mas ele não consegue explicar. A maior parte dos conhecimentos que interessam são dessa natureza e, note bem, eu creio que é aí que está a verdadeira ciência, o verdadeiro conhecimento. Na hora em que você começa a admitir como ciência somente aquilo que foi provado, quando a gente sabe que a prova depende por sua vez da evidência, tudo isso é fetichismo! Você tem de buscar a evidência e não a prova. A validade da prova também depende da evidência, meu Deus do céu! Como é que você percebe, por exemplo, a unidade do raciocínio enquanto está lendo uma demonstração lógica? Aquilo é uma seqüência de silogismos, aquilo estabelece uma forma mental. Como é que você pega a unidade da forma? É por lógica? Não. É por percepção da presença imediata. A lógica inteira depende disso, e isto é uma coisa tão evidente que eu considero um escândalo, um dos maiores escândalos intelectuais de todos os tempos, que a pessoas tenham parado de perceber isso.

Vocês associem essa coisa toda que eu falei hoje aos exercícios do Narciso Irala. Quando você fecha os olhos e presta atenção em todos os sons que o circundam, você não está inventando nada. Claro que alguma coisa pode lhe escapar, mas o que está presente está presente. Você ouviu o latido do cachorro, você ouviu o zumbido do mosquito, você ouviu a buzina lá adiante, tudo isso está presente. Muito bem, essa coisa de estar presente e estar

consciente da presença e da situação formam em torno de você como que uma série de círculos concêntricos, do mais próximo para o mais distante, tanto espacialmente quanto temporalmente. Por exemplo, quando você deixa que memórias da sua vida venham à tona, você sabe que aquilo é real, que aquilo efetivamente se passou. Claro que às vezes você pode errar (a nossa memória não é tão perfeita quanto a nossa percepção espacial). Mas tudo isso é tão diferente de você construir mentalmente uma forma, que você sabe que, num caso, você está lidando com a realidade e, no outro caso, você está lidando com relações lógicas possíveis. A ligação entre essas relações lógicas possíveis e a realidade é uma ligação altamente problemática a não ser que você se persuada de que (como no exemplo do Sílvio) você está raciocinando sobre a realidade, precisamente porque você conhece a realidade. Quer dizer, o conhecimento que você tem da realidade é a base dos seus raciocínios, então a conexão está de algum modo garantida, embora possa falhar.

Muito bem, eu acho que por hoje é só. Até a semana que vem e muito obrigado.

Transcrição realizada por: Luiz Alberto Afonso dos Santos Jr., Maurício Brum Doval, Rodrigo Dubal, Luiz Felipe Adurens Cordeiro, Flávio Montenegro, Cynthia Leite.

Revisão realizada por: Rodrigo Dubal, Rodrigo Fernandes Moreira, Luiz Felipe Adurens Cordeiro, Marcela Andrade.

Revisão final: Marcela Andrade.